



**CENTRO UNIVERSITÁRIO CHRISTUS
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

CRYSTIANE BRUNO DE SIQUEIRA MAGALHÃES

**ESTUDO COMPARATIVO DO IMPACTO DA PANDEMIA DA COVID-19 NO
DESEMPENHO DAS EMPRESAS LISTADAS NA B3 NOS SETORES DE SAÚDE
E DE CONSUMO NÃO CÍCLICO**

FORTALEZA

2022

CRYSTIANE BRUNO DE SIQUEIRA MAGALHÃES

ESTUDO COMPARATIVO DO IMPACTO DA PANDEMIA DA COVID-19 NO
DESEMPENHO DAS EMPRESAS LISTADAS NA B3 NOS SETORES DE SAÚDE E
DE CONSUMO NÃO CÍCLICO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Ciências
Contábeis do Centro Universitário
Christus, como requisito parcial para
obtenção do título de bacharel em Ciências
Contábeis.

Orientador: Prof. Me. José Ferreira
Chagas.

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Centro Universitário Christus - Unichristus

Gerada automaticamente pelo Sistema de Elaboração de Ficha Catalográfica do
Centro Universitário Christus - Unichristus, com dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M188e Magalhães, Crystiane Bruno de Siqueira.

Estudo comparativo do impacto da pandemia da Covid-19 no
desempenho das empresas listadas na B3 nos setores de saúde e
de consumo não cíclico / Crystiane Bruno de Siqueira Magalhães. -
2022.

58 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro
Universitário Christus - Unichristus, Curso de Ciências Contábeis,
Fortaleza, 2022.

Orientação: Prof. Me. José Ferreira Chagas.

1. Análise comparativa. 2. Pandemia. 3. Indicadores
Econômico-Financeiros. I. Título.

CDD 657

CRYSTIANE BRUNO DE SIQUEIRA MAGALHÃES

ESTUDO COMPARATIVO DO IMPACTO DA PANDEMIA DA COVID-19 NO
DESEMPENHO DAS EMPRESAS LISTADAS NA B3 NOS SETORES DE SAÚDE E
DE CONSUMO NÃO CÍCLICO

TCC apresentado ao Curso de Ciências Contábeis do Centro Universitário Christus, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Ciências Contábeis.

Orientador: Prof. Me. José Ferreira Chagas.

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. José Ferreira Chagas
Centro Universitário Christus (UNICHRISTUS)

Prof.^a Dra. Monica Barreto de Sá Estite
Centro Universitário Christus (UNICHRISTUS)

Prof.^a Dra. Andressa Ruth
Centro Universitário Christus (UNICHRISTUS)

RESUMO

O objetivo deste trabalho acadêmico é realizar o estudo comparativo do impacto da pandemia da Covid-19 no desempenho das empresas listadas na B3 nos setores de saúde e de consumo não cíclico. São comparados os resultados obtidos a partir do cálculo de indicadores econômico-financeiros de cada entidade da amostra e para os respectivos setores, subsetores e segmentos. Também são identificados os indicadores impactados com a pandemia, de forma positiva e negativa e analisado, comparativamente, o comportamento dos indicadores dos setores amostrais ao longo do período estudado. Para responder aos objetivos definidos, foi realizado um estudo descritivo, mediante análise documental, e quantitativo dos dados apresentados. A pesquisa envolve a população composta das empresas listadas na B3 e tem como amostra companhias e grupos empresariais classificados nos setores de saúde e de consumo não cíclico, com representação de todos os subsetores e segmentos em que são divididos os mencionados setores. Foram calculados, interpretados e comparados onze indicadores econômico-financeiros extraídos das demonstrações financeiras relativas aos anos de 2018 a 2021 divulgados por 57 organizações empresariais, sendo 24 vinculadas ao setor de saúde e 33 ao de consumo não cíclico. A partir dos resultados obtidos, foi utilizada a testagem comparativa de Mann-Whitney, a fim de evidenciar os dados relevantes. Os resultados mostram que, dentre os indicadores econômico-financeiros testados, num nível de significância de 1%, apenas o indicador Participação dos Recursos de Terceiros nos Recursos Totais (PCT), apresentou comportamento com diferença estatística significativa entre os setores pesquisados. Utilizou-se o teste de Mann-Whitney pois, com base nos testes Kolmogorov-Smirnov e Shapiro Wilk, se verificou que os dados da pesquisa não apresentavam distribuição normal.

Palavras-chave: Análise comparativa. Covid-19. Pandemia. Indicadores Econômico-Financeiros. Setor de Saúde. Setor de Consumo Não Cíclico.

ABSTRACT

The objective of this academic work is to carry out a comparative study of the impact of the Covid-19 pandemic on the performance of companies listed on B3 in the health and non-cyclical consumer sectors. The results obtained from the calculation of economic-financial indicators of each entity in the sample and for the respective sectors, subsectors and segments are compared. The indicators impacted by the pandemic, positively and negatively, are also identified, and the behavior of the indicators of the sample sectors over the period studied is comparatively analyzed. In order to respond to the defined objectives, a descriptive study was carried out, through documental and quantitative analysis of the data presented. The survey involves the population composed of companies listed on B3 and has as a sample companies and business groups classified in the health and non-cyclical consumption sectors, with representation of all subsectors and segments into which the aforementioned sectors are divided. Eleven economic-financial indicators extracted from the financial statements for the years 2018 to 2021 published by 57 business organizations were calculated, interpreted, and compared, 24 of which are linked to the health sector and 33 to non-cyclical consumption. From the results obtained, the Mann-Whitney comparative test was used in order to evidence the relevant data. The results show that, among the economic-financial indicators tested, at a significance level of 1%, only the indicator Participation of Third-Party Resources in Total Resources (PCT) presented a behavior with a statistically significant difference between the sectors surveyed. The Mann-Whitney test was used because, based on the Kolmogorov-Smirnov and Shapiro Wilk tests, it was found that the research data did not have a normal distribution.

Key words: Comparative analysis. Covid-19. Pandemic. Economic-financial indicators. Health Sector. Non-cyclical Consumption Sector.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Covid-19: Quantidade de casos e mortes no Brasil e no mundo	15
Gráfico 2 - Crescimento do PIB no Brasil relacionado ao trimestre anterior	15
Gráfico 3 - Trajetória do desemprego no Brasil de out/2019 a fev/2022	16
Gráfico 4 - Sequência de atividades	31
Gráfico 5 - Evolução da liquidez geral média	40
Gráfico 6 - Evolução da liquidez corrente média	41
Gráfico 7 - Evolução da liquidez seca média	42
Gráfico 8 - Evolução da liquidez imediata média	43
Gráfico 9 - Evolução da participação média do capital de terceiros nos recursos totais	44
Gráfico 10 - Evolução do grau de endividamento médio	45
Gráfico 11 - Evolução da qualidade das dívidas	47
Gráfico 12 - Evolução do giro médio do ativo	47
Gráfico 13 - Evolução da margem líquida média	48
Gráfico 14 - Evolução do retorno médio do ativo médio	50
Gráfico 15 - Evolução do retorno médio do patrimônio líquido médio	52

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Índice de Liquidez	21
Tabela 2 - Índice de Endividamento	24
Tabela 3 - Índice de Rentabilidade	25
Tabela 4 - População: Empresas listadas na B3 classificadas por setores, subsetores e segmentos empresariais	35
Tabela 5 - Definição de público e de amostra: quantidades de empresas	36
Tabela 6 - Teste de Mann-Whitney	52

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

B3	Brasil, Bolsa, Balcão
CE	Composição do Endividamento
CNC	Consumo Não Cíclico
ESPII	Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional
GE	Grau de Endividamento
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LC	Liquidez Corrente
LG	Liquidez Geral
LI	Liquidez Imediata
LS	Liquidez Seca
OMS	Organização Mundial da Saúde
PCT	Participação do Capital de Terceiros nos Recursos Totais
ROA	Retorno sobre o Ativo Total
ROAA	Retorno sobre o Ativo Total Médio
ROE	Retorno sobre o Patrimônio Líquido

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1	Reflexos da pandemia da Covid-19 na economia	14
2.2	Análise das demonstrações contábeis	17
2.3	Índices econômico-financeiros	20
2.3.1	<i>Índices de liquidez</i>	21
2.3.2	<i>Índices de estrutura de capital (endividamento)</i>	24
2.3.3	<i>Índices de rentabilidade</i>	25
2.4	Estudos anteriores	28
3	METODOLOGIA	31
3.1	Etapas da pesquisa	31
3.2	Tipologia	32
3.3	Fontes de dados, população, amostra e variáveis da pesquisa	Erro!
	Indicador não definido.	
4	ANÁLISE DOS RESULTADOS	39
4.1	Análise da liquidez	40
4.1.1	<i>Liquidez geral</i>	40
4.1.2	<i>Liquidez corrente</i>	41
4.1.3	<i>Liquidez seca</i>	42
4.1.4	<i>Liquidez imediata</i>	43
4.2	Análise do endividamento	44
4.2.1	<i>Participação de capitais de terceiros nos Recursos Totais (PCT)</i>	44
4.2.2	<i>Grau de endividamento (GE)</i>	45
4.2.3	<i>Composição do endividamento (CE)</i>	46
4.3	Análise da Rentabilidade	47
4.3.1	<i>Giro do ativo</i>	48
4.3.2	<i>Margem líquida</i>	49
4.3.3	<i>Retorno sobre o ativo médio</i>	50
4.4	Análise das diferenças entre as variáveis da pesquisa	53
5	CONCLUSÃO	55
	REFERÊNCIAS	56

1 INTRODUÇÃO

A primeira infecção causada pelo vírus SARS-CoV-2, mais conhecido como Covid-19, ocorreu em dezembro de 2019. Anunciado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), após vários alertas sobre repetidos casos de pneumonia em Wuhan, cidade localizada na província de Hubei, na China, que indicava uma mutação do coronavírus em humanos (OPAS, 2022).

O SARS-CoV-2 é um vírus, que atinge as capacidades respiratórias dos humanos, provocando a doença, chamada de Covid-19, com alta taxa de transmissibilidade e com transmissão que ocorre mesmo sem o aparecimento de sinais e sintomas (SES/SC, 2022).

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a pandemia da Covid-19 se torna um problema de Saúde Pública mundial, como cita-se no Regulamento Sanitário Internacional (OPAS, 2020).

A tragédia sanitária disseminou-se rapidamente com muitos casos da doença exigindo hospitalização num curto espaço de tempo, o que ocasionou sobrecarga do sistema de saúde gerando sérios impactos sociais e econômicos.

Várias medidas restritivas foram impostas pelas autoridades, a exemplo do chamado isolamento social (*lockdown*), medida recomendada pela OMS como uma das formas de conter o vírus, e o consequente bloqueio da maioria das atividades empresariais e da circulação de cargas, trazendo impactos severos para a economia em todo o mundo (FIOCRUZ, 2022).

Algumas destas interferências da pandemia da Covid-19 no Brasil e no mundo são destacadas no capítulo 2 desta monografia, mais precisamente na seção 2.1.

Os embates da pandemia da Covid-19 estendem-se a vários setores, mudando inclusive a forma de gestão adotada pelas organizações, bem como a maneira como utilizam e interpretam as informações geradas pela contabilidade por meio das demonstrações contábeis (SENIOR, 2020).

É de suma importância que investidores obtenham informações advindas de relatórios contábeis. Eles se dão como potenciais credores por empréstimos e outros acerca de recursos de entidade, reivindicações e respostas efetivas de administradores quanto ao cumprimento de suas responsabilidades no cenário pandêmico (IUDÍCIBUS, 2017).

Os indicadores econômico-financeiros extraídos das demonstrações contábeis que são considerados básicos para a interpretação da realidade patrimonial, financeira e econômica das organizações são classificados pela literatura em três segmentos: índices de liquidez, índices de estrutura de capitais (endividamento) e índices de rentabilidade.

Com base nisso e no fato de que a pandemia de coronavírus trouxe impactos significativos a todos os setores da economia, com possibilidade de alguns setores terem se beneficiado e outros se prejudicado, e que o estudo dos indicadores extraídos das demonstrações contábeis tem participação importante na interpretação desses fenômenos, esta monografia se propõe a responder à seguinte problemática: há diferença significativa no impacto da pandemia da Covid-19 no desempenho das empresas listadas na B3 nos setores de saúde e de consumo não cíclico?

Para responder à pergunta de pesquisa, o seguinte estudo tem o objetivo geral de analisar se há diferença estatística significativa no impacto da pandemia da Covid-19 no desempenho das empresas listadas na B3 nos setores de saúde e de consumo não cíclico.

No intuito de cumprir o objetivo principal, este trabalho monográfico tem ainda os seguintes objetivos específicos: a) comparar os resultados obtidos a partir do cálculo e interpretação dos indicadores supracitados para cada entidade da amostra e para os respectivos setores, subsetores e segmentos; b) identificar os indicadores econômico-financeiros impactados com a pandemia, de forma positiva e negativa; e c) analisar, comparativamente, o comportamento dos indicadores dos setores amostrais ao longo do período estudado.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa descritiva e documental, de caráter quantitativo, que busca verificar os impactos da pandemia da Covid-19 no desempenho das empresas brasileiras listadas no mercado de capitais, levando em conta os exercícios sociais de 2018 a 2021 com foco nas empresas classificadas nos setores de saúde e de consumo não cíclico e na análise de indicadores vinculados à liquidez, endividamento e rentabilidade.

Na visão de Iudicibus (2020), é cabível e coerente realizar cálculos referentes a índices e quocientes, de forma consistente, de modo que cada período seja estudado e comparado com padrões preestabelecidos. Ademais, essa visão possibilita a obtenção de ideias sobre problemas que devem ser investigados, correlacionando-os, comparando-os e dando significados aos mesmos.

A priori, poder-se-ia inferir que a tragédia pandêmica tenha tido reflexos negativos significativos e generalizados no patrimônio das organizações. Por outro lado, julga-se prudente deduzir que, a depender do ramo econômico no qual a entidade esteja inserida, poderia haver efeito patrimonial danoso mais ou menos grave ou até mesmo a organização poderia ser contemplada com algum benefício. Daí a importância que se atribui à presente pesquisa, a qual busca comparar os índices calculados das entidades da amostra em estudo e de seus respectivos setores, subsetores e segmentos econômicos, colaborando para uma visão mais detalhada e aprofundada do que aconteceu realmente com as organizações no período em análise. Assim, esta pesquisa se justifica por sua relevância em mostrar aspectos do fenômeno pandêmico que incidem sobre as organizações, notadamente quando se estuda o desempenho de 57 entidades presentes no mercado brasileiro vinculadas a dois setores cujas atividades têm reflexos significativos na economia e na sociedade como um todo.

Esta monografia está organizada em cinco capítulos. O primeiro capítulo apresenta conceitos introdutórios. O segundo capítulo referencia pesquisas que contextualizam a relação da pandemia da Covid-19 com a economia, relatando a importância da realização de procedimentos e amostras de cunho analítico e contábil, de modo a apresentar indicadores que fundamentam o trabalho, como índices de liquidez, rentabilidade e endividamento. O terceiro capítulo demonstra o segmento metodológico utilizado no desenvolvimento da pesquisa para alcançar os objetivos deste trabalho. O quarto capítulo aponta resultados e discute os dados e as análises obtidas. Por fim, são apresentadas as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste segundo capítulo, são apresentados os tópicos essenciais para compreensão da monografia, como resultado da pesquisa bibliográfica sobre os assuntos inerentes ao tema em análise. São abordados aspectos relacionados aos reflexos da pandemia na economia e à técnica de análise de indicadores extraídos das demonstrações contábeis.

2.1 Reflexos da pandemia da Covid-19 na economia

Fixa-se, em dezembro de 2019, o marco inicial do fenômeno Covid-19 e, já em março de 2020, houve a oficialização de sua caracterização como pandemia pela OMS (OPAS, 2022).

Conforme Gomes *et al.*, (2021), a partir desse novo cenário, os países tiveram que adotar medidas mais severas de modo a restringir a locomoção, o movimento de pessoas e o funcionamento de atividades econômicas. Dentre essas medidas restritivas, destaca-se o *lockdown*, imposição que significa bloqueio total da maioria das atividades e da movimentação de pessoas.

Ao se comparar a pandemia da Covid-19 e a consequente paralisação da economia a outras pandemias declaradas anteriormente pelas autoridades sanitárias, percebe-se a diferença, posto que o desligamento da economia jamais ocorrera na escala provocada pelo novo coronavírus.

O cenário descortinado pela pandemia revelou uma tragédia humanitária. O Gráfico 1, mostrado abaixo, reporta dados acumulados de casos de infecção e mortes decorrentes da doença, de acordo com divulgação feita pelas autoridades de saúde. São números acumulados relativos ao período de 27 de março de 2020 a 14 de abril de 2022.

Gráfico 1 - Covid-19: Quantidade de casos e mortes no Brasil e no mundo

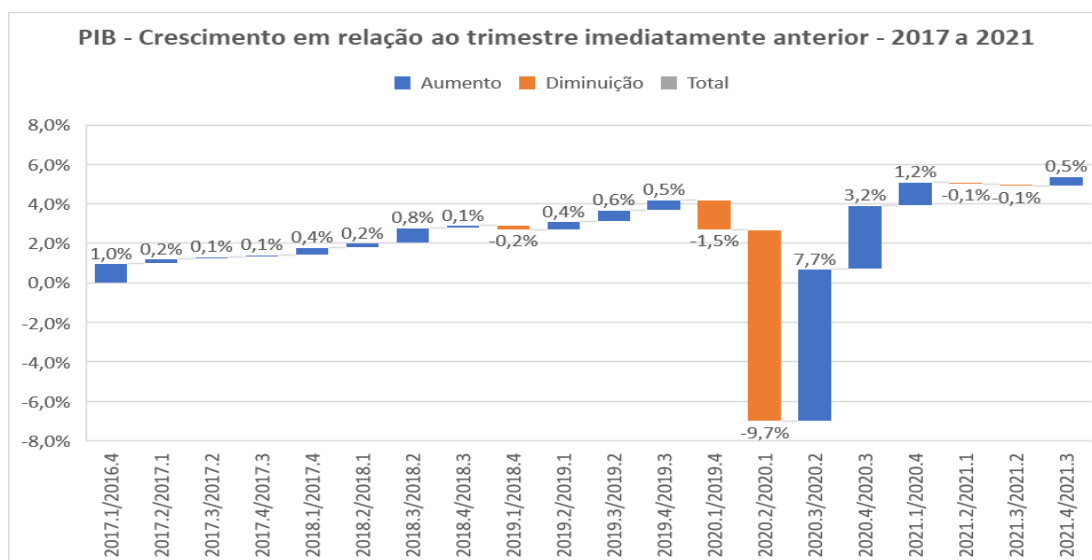


Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Ministério da Saúde (2022) e jornal O Globo (2022)

Observa-se pelo Gráfico 1 que o novo coronavírus trouxe consequências assustadoras para o Brasil e para o mundo, sendo uma doença com altas taxas de letalidade. Levando-se em conta os números apresentados no gráfico e que têm por base dados divulgados pelas autoridades da área de saúde, até 14 de abril de 2022, a pandemia provocou no Brasil 6,0% dos casos e 10,7% de mortes registradas no mundo.

A pandemia impactou e continua interferindo na economia brasileira, conforme demonstra o Gráfico 2 a seguir, que apresenta o desempenho em termos de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil de 2017 a 2021. O PIB, de acordo com o IBGE (2022), “é a soma de todos os bens e serviços finais produzidos por um país, estado ou cidade [...]. Todos os países calculam o seu PIB nas suas respectivas moedas”.

Gráfico 2 - Crescimento do PIB no Brasil relacionado ao trimestre anterior



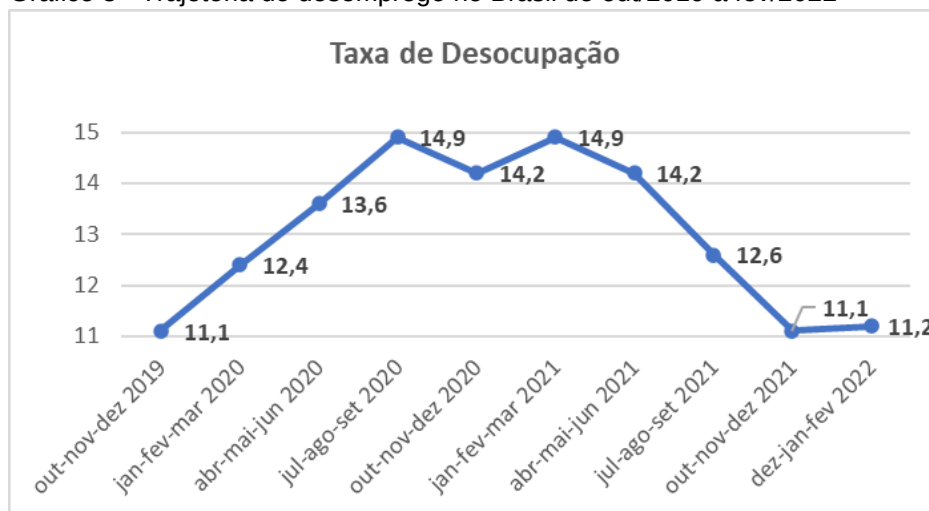
Fonte: Elaboração própria, a partir de dados do IBGE (2022)

Conforme mostra o Gráfico 2 supra, no período que abrange o início (primeiro trimestre de 2020) e a continuidade da pandemia da Covid-19 no Brasil, as quedas de maior intensidade na atividade econômica (-1,5% e -9,7%, respectivamente) deram-se no primeiro e segundo trimestres de 2020. No primeiro e segundo trimestres de 2021, ocorreram quedas menos significativas (-0,1% em ambos os trimestres). Importante salientar que, nos dois primeiros trimestres de 2021, a quantidade de casos constatados de infecção por coronavírus e de mortes computadas no mesmo período foram significativamente superiores às observadas nos mesmos trimestres de 2020.

Bittencourt, Tobler e Júnior (2021), apontam, a princípio, princípios de incerteza quanto a conhecimentos e saberes sobre o vírus da Covid-19, quanto à necessidade das empresas e pessoas em se reinventar diante das restrições como isolamento que refletiu numa forte queda da atividade econômica (como reportado no Gráfico 2 acima), assim como redução do consumo e perda de postos de trabalho.

Antes da chegada da pandemia da Covid-19, o índice de desemprego no Brasil (taxa de desocupação) estava em 11,1%, saltando para 14,9% já no terceiro trimestre de 2020, e somente passando a declinar no último trimestre de 2021, conforme mostra o Gráfico 3 abaixo, elaborado com dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (IBGE, 2022).

Gráfico 3 - Trajetória do desemprego no Brasil de out/2019 a fev/2022



Fonte: Elaboração própria a partir de dados divulgados pelo IBGE (2022).

Atualmente, passados dois anos do início da tragédia sanitária, presencia-se um contexto de reestruturação econômica, apesar das incertezas quanto ao futuro. Ao especular sobre o ambiente empresarial pós-pandemia, Taurion (2020) preconiza que as grandes organizações ainda buscam meios para continuar atuantes, assim como o ambiente de negócios passou por uma revolução comparável à provocada pelo surgimento da *Internet*.

Prevê-se, ainda com base em Taurion (2020), que as organizações continuarão a se redesenhar totalmente e haverá aceleração do uso de processos que a pandemia tornou corriqueiros, tais como o trabalho na modalidade *home office*, o comércio eletrônico em larga escala, o *delivery* de refeições, medicamentos e outros produtos, a maior utilização de transações bancárias eletrônicas, a telemedicina, dentre outros. Organizações passarão a ser mais digitais e será apressado e democratizado o uso destas tecnologias, bem como a utilização de veículos autônomos e drones que se tornaram comuns.

Embora a economia brasileira demonstre a retomada do crescimento, o cenário ainda é de muita incerteza. Alguns países e setores poderão voltar à normalidade de seus negócios mais rapidamente, enquanto outros setores, o máximo que poderão chegar é atingir a sua antiga capacidade econômico-financeira.

Neste contexto, a tomada de decisão correta e rápida mostra-se como um diferencial competitivo inigualável quando a busca da sobrevivência e do crescimento é inquestionável.

Nessa perspectiva, o processo decisório nas organizações precisa, mais do que nunca, ser instrumentalizado com ferramentas que proporcionem segurança e precisão. Dentre as ferramentas preconizadas pela doutrina contábil, pontifica a análise dos indicadores econômico-financeiros extraídos das demonstrações contábeis, instrumento abordado na próxima seção.

2.2 Análise das demonstrações contábeis

A análise das demonstrações contábeis surge no final do século XIX, a partir da necessidade que os banqueiros americanos tiveram de analisar a situação financeira das empresas que desejavam contrair empréstimos. Inicialmente se exigia apenas o Balanço, daí o nascimento da expressão “Análise de Balanços”, que se

mantém até hoje, embora as análises não se limitem apenas ao balanço patrimonial (MARION, 2019).

Para justificar a permanência da expressão, Marion (2019) explica que, posteriormente, começou-se a exigir outras demonstrações para análise e para concessão de crédito (que já foi conhecido como “Balanço Financeiro”),

“a exemplo da Demonstração do Resultado do Exercício. Todavia, a expressão “Análise de Balanços” continuou. Como forte argumento para a consolidação dessa denominação, o mencionado autor salienta que a Demonstração do Resultado do Exercício foi conhecida, em certo período, como Balanço Econômico (Balanço de Resultado) e o Fluxo de Caixa” (MARION, 2019, p.06).

Com o surgimento dos bancos governamentais e a abertura de capital das grandes empresas, a análise das demonstrações contábeis torna-se uma ferramenta indispensável, pois a partir dela se tornou possível entender a real situação econômico-financeira das empresas, sua eficiência operacional e administrativa (MARION, 2019).

Compreender a linguagem contábil é fator primordial para todos que atuam na análise e gestão de uma empresa, usuários que precisam tomar decisão utilizando essas informações. Mas, além dessa compreensão, é necessário complementar com informações da economia em geral, do mercado de atuação e de outras fontes disponíveis não abrangidas pelas demonstrações contábeis (MATIAS, 2017).

Martins, (2020) ensinam que a análise das demonstrações contábeis tem o objetivo de gerar informações úteis para a iniciativa de tomada de decisões entre os usuários destas informações contábeis, com o intuito de certificar créditos solventes, ou vantajosos, dentre outras razões.

Através da NBC TG 26, por meio do Conselho Federal de Contabilidade, apresentam-se demonstrações que definem bases para a apresentação, de modo a assegurar a comparação entre períodos organizacionais. Além disso, diretrizes são formuladas para a definição estrutural em concomitância com requisitos mínimos para seu conteúdo.

Ademais, reconhecem-se, portanto, características fundamentais sobre posição patrimonial, financeira e desempenho da organização. Para tanto, é importante que os objetivos sejam devidamente definidos, de modo a proporcionar outras informações necessárias, como desenvolvimento dos fluxos de caixa e tomada

de decisões econômicas. De modo geral, preconiza-se resultados administrativos, face ao cumprimento de deveres e responsabilidades por parte da gestão de recursos. Dessa maneira determinam-se características imprescindíveis de organizações, por exemplo, ganhos e perdas e controle de fluxos de caixa.

Iudícibus (2017) ressalta que as normas contábeis evidenciam que as demonstrações contábeis atendem às necessidades de um extenso grupo de usuários, externos e internos, da entidade.

Em conformidade com os ensinamentos de Marion (2019),

[...] todas as demonstrações contábeis devem ser analisadas: Balanço Patrimonial (BP); Demonstração do Resultado do Exercício (DRE); Demonstração dos Lucros ou Prejuízos Acumulados (ou Mutações do PL); Demonstração dos Fluxos de Caixa (DFC); Demonstração do Valor Adicionado (DVA), embora a maior ênfase seja dada para as duas primeiras demonstrações, uma vez que, por meio delas, são evidenciadas, de forma objetiva, a situação financeira (identificada no BP) e a situação econômica (identificada no BP e, em conjunto, na DRE) (MARION, 2019 , p.7).

Nesse sentido, pode-se dizer que as Análises das Demonstrações Contábeis geram uma variada rede de esforços, pois mesmo preparadas e divulgadas pela empresa, por si só não apresentam claramente suas forças e fraquezas, requer junção com técnicas que possibilitem entender a real previsão da liquidez, solvência e da rentabilidade desta empresa. Para tanto, existem técnicas que consistem em coletar os dados constantes nas demonstrações, objetivando apurar indicadores que demonstrem, de forma mais clara, a capacidade de solvência (situação financeira), a estrutura patrimonial (situação patrimonial) e os meios de a empresa gerar bons resultados (situação econômica). (MARION,2019).

A análise de balanço, para Iudícibus (2017) caracteriza-se como a “arte de saber extrair relações úteis, para o objetivo econômico que tivermos em mente, dos relatórios contábeis tradicionais e de suas extensões e detalhamentos, se for o caso” (IUDICÍBUS, 2017, p. 13).

A importância desses demonstrativos é inquestionável, pois são utilizados como um dos fatores na tomada de decisão, porém não podem ser considerados isoladamente. De acordo com Marion (2019), as decisões não podem ser pautadas apenas nas demonstrações em si, mas na análise delas, tendo como principal objetivo oferecer um diagnóstico da real situação patrimonial, econômica e financeira da empresa analisada.

À luz do exposto, verifica-se a necessidade de uma compreensão correta das informações, além dos números brutos divulgados nos demonstrativos, posto que eles sozinhos não são esclarecedores. Para tanto, as demonstrações contábeis requerem técnicas específicas de análise.

De fato, para se obter credibilidade enquanto análise comparativa, faz-se necessário o uso de recursos analíticos já (re)conhecidos, envolvendo Análise Vertical (de Estrutura), Análise Horizontal (de Evolução) e Análise por intermédio de índices (IUDÍCIBUS, 2017).

Na elaboração deste estudo, é utilizada a técnica de análise por intermédio de índices econômico-financeiros e, para tanto, foram determinados para cálculo e interpretação os índices de liquidez, que proporcionam a análise da situação financeira; de endividamento, que possibilitam investigar a estrutura de capitais; e de rentabilidade, que instrumentalizam a análise da situação econômica.

De acordo com Da Silva (2017), a comparação também conhecida como Análise por Índices ou Quocientes consiste na utilização de índices que apontam determinadas características e conceitos no que diz respeito ao cenário atual da organização. É cabível ressaltar que o confronto de dados entre grupos ou contas relacionadas ao patrimônio empresarial promova uma relação que permita que a situação econômica e financeira real da organização seja relatada.

Os índices consagrados pela doutrina contábil e que são mais utilizados na aplicação de técnicas de análise das demonstrações financeiras são abordados na próxima seção.

2.3 Índices econômico-financeiros

O uso de técnicas de análise por índices é considerado um dos mais importantes desenvolvimentos da Contabilidade, pois a comparação é mais utilizada em relação à análise individual dos elementos. Ademais, a análise dos índices econômico-financeiros visa extrair dados e comparar índices com padrões preestabelecidos. Elucidando resultados anteriores, esses dados fornecem elementos vitais para se compreender o que poderá acontecer no futuro e, assim, contribuir para melhores decisões (IUDÍCIBUS, 2017).

Nesse sentido, Martins, Diniz e Miranda (2018) ressaltam a relevância de dados gerais, que incorporam a compreensão da situação da entidade em análise.

Caso contrário, o analista corre o risco de perder o conjunto de vista e de se fixar em detalhes irrelevantes (MARTINS; MIRANDA; DINIZ, 2020).

Nas seções subsequentes, são apresentados aspectos relevantes dos índices que foram selecionados para esta pesquisa, em razão de possibilitarem fornecer subsídios relevantes à compreensão da situação financeira, econômica e patrimonial das organizações a partir das demonstrações contábeis. Tais indicadores foram organizados para apresentação e estão classificados em três conjuntos, a saber: (i) índices de liquidez; (ii) índices de estrutura de capital (endividamento); e (iii) índices de rentabilidade.

2.3.1 Índices de liquidez

Apresentar um parecer sobre a avaliação da capacidade de pagamento da empresa se faz necessário, bem como avaliar esta capacidade, considerando longo prazo, curto prazo ou prazo imediato (MARION, 2019).

Os índices de liquidez considerados neste trabalho monográfico e suas respectivas fórmulas de cálculo são mostrados na Tabela 1 a seguir.

Tabela 1 - Índice de Liquidez

Índice		Fórmula
1	Liquidez Geral (LG)	$LG = (\text{Ativo Circulante} + \text{Realizável a Longo Prazo}) / (\text{Passivo Circulante} + \text{Passivo Não Circulante})$
2	Liquidez Corrente (LC)	$LC = \text{Ativo Circulante} / \text{Passivo Circulante}$
3	Liquidez Seca (LS)	$LS = (\text{Ativo Circulante} - \text{Estoques}) / \text{Passivo Circulante}$
4	Liquidez Imediata (LI)	$LI = \text{Disponibilidades} / \text{Passivo Circulante}$

Fonte: Elaboração própria

Índices representam demonstrações contábeis de nível macro de uma organização. De acordo com Matarazzo (2010), “assim como um médico usa certos indicadores, como pressão arterial e temperatura, para elaborar o quadro clínico de um paciente, os índices financeiros permitem construir um quadro de avaliação da empresa” (MATARAZZO, 2010, p.82).

Aponta-se que quando as informações geradas pelos índices, assemelham-se às produzidas pela empresa, possibilitam ao profissional traçar objetivos com mais clareza e segurança, levando ao alcance de um diagnóstico

confiável com maior segurança, um diagnóstico da saúde ou doença do paciente (MARTINS; MIRANDA; DINIZ, 2020).

Matarazzo (2010) aborda a confusão feita por alguns entre liquidez e capacidade de pagamento ao comentar que

“muitas pessoas confundem índices de liquidez com os índices de capacidade de pagamento. Os índices de liquidez não são índices extraídos do fluxo de caixa que comparam as entradas com as saídas de dinheiro. São índices que, a partir do confronto dos Ativos Circulantes com as Dívidas, procuram medir quão sólida é a base financeira da empresa. Uma empresa com bons índices de liquidez tem condições de ter boa capacidade de pagar suas dívidas, mas não estará, obrigatoriamente, pagando suas dívidas em dia em função de outras variáveis como prazo, renovação de dívidas etc.” (MATARAZZO, 2010, p. 99).

Esse entendimento também é compartilhado por Da Silva (2003), quando observa que “os índices de liquidez visam fornecer uma medida, ou melhor, um indicador da capacidade da empresa de pagar suas dívidas, a partir da comparação entre os direitos realizáveis e as exigibilidades” (DA SILVA, 2003, p. 225).

Em razão disso, e de forma objetiva, Braga (2003) comenta que o analista deve tomar alguns cuidados ao se deparar com o estudo dos índices de liquidez, pois

“pode parecer, à primeira vista, que quanto maior o índice de liquidez, melhor a situação financeira da empresa. Todavia, o crescimento demasiado dos quocientes de liquidez pode indicar sérias dificuldades em relação à estrutura dos negócios, tais como entesouramento ou encaixe excessivo (elevação da liquidez imediata, acima das necessidades operacionais); estoques elevados, em decorrência de itens invendáveis ou baixa capacidade de comercialização; grande volume de contas a receber, por dilatação de prazos concedidos a clientes etc. Daí a necessidade de examinar cada componente de *per si* dos ativos e passivos (Circulante e Longo Prazo). Tal exame será realizado quando se der a análise da rotação de valores” (BRAGA, 2003, p. 225).

A análise da liquidez deve ser realizada de maneira a haver comparações efetivas, no que diz respeito aos diversos períodos organizacionais, envolvendo concorrência, concorrentes e consequente identificação do capital de giro, bem como da de se escolher melhores estratégias (DA SILVA, 2017).

Segundo Marion (2019), o índice de liquidez geral (LG) tem efeito a curto e longo prazo, entre o que ativamente circula e o que se realiza, para que esse movimento aconteça que calculada a partir da razão entre o Ativo Circulante e o Passivo Circulante, o índice de Liquidez Corrente (LC), também conhecido como Liquidez Comum, mostra a capacidade de pagamento da empresa no curto prazo.

Esse índice avalia quanto a empresa possui de disponibilidades e bens e direitos conversíveis (no curto prazo) em dinheiro, com relação às dívidas de curto prazo, ou seja, quanto de Ativo Circulante existe para cada R\$1,00 de Passivo Circulante (MARION, 2019).

Segundo Marion (2012),

“há três aspectos relativos à liquidez corrente que precisam ser destacados. O primeiro é de que o índice não revela a qualidade dos itens no Ativo Circulante, como por exemplo, se os Estoques estão superavaliados, se são obsoletos, se os títulos a receber são totalmente recebíveis. O segundo aspecto é que o índice não revela a sincronização entre recebimentos e pagamentos, ou seja, por meio dele não se identifica se os recebimentos ocorrerão em tempo para pagar as dívidas vincendas. E por último, mas não menos importante, como um aspecto que contribui para o redimensionamento da LC, no sentido de elevá-la, é o Estoque estar avaliado a custos históricos, sendo que seu valor de mercado está (valor de realização – de venda), normalmente, acima do evidenciado no Ativo Circulante. Portanto, a LC, sob esse enfoque, será sempre mais pessimista do que a realidade, já que os estoques serão realizados a valores de mercado e não de custo” (MARION, 2012 ,p.5).

Semelhante à liquidez corrente, “a Liquidez Seca exclui do cálculo acima os estoques por não apresentarem liquidez compatível com o grupo patrimonial onde estão inseridos. O resultado desse índice será invariavelmente menor ao de liquidez corrente, sendo cauteloso com relação ao estoque para a liquidação de obrigações” (MARION, 2012, p.08).

Martins, Miranda e Diniz (2014) apontam que

“O índice de Liquidez Seca (LS) mostra a parcela das dívidas de curto prazo (passivo circulante) que poderiam ser pagas pela utilização de itens de maior liquidez no ativo circulante, basicamente disponível e contas a receber. Em outras palavras, mostra quanto a empresa possui de ativos líquidos para cada real de dívida de curto prazo” (MARTINS; MIRANDA; DINIZ,2014, p.25).

Segundo Matarazzo (2010), no que diz respeito ao índice da Liquidez Imediata (LI), este é considerado como índice conservador, pois utiliza em seus cálculos apenas caixa, saldos bancários e aplicações financeiras de liquidez imediata para quitar as obrigações de curto prazo, deixando de fora não só a conta de estoques como de valores a receber. Para efeito de análise, é importante destacar que não é um índice de liquidez dos mais precisos, uma vez que relaciona dinheiro disponível com dívidas que podem ter vencimento de até 360 dias. Esse índice terá maior significado quando analisado de forma conjunta com o fluxo mensal de caixa da empresa, ou utilizando-se da média dos saldos mensais das contas.

2.3.2 Índices de estrutura de capital (endividamento)

Os indicadores de endividamento, na concepção de Martins, Miranda e Diniz (2020), retratam quanto a empresa possui de dívidas terceirizadas para cada real de recursos próprios. Esses índices revelam a dependência que a entidade se encontra para com os capitais de terceiros.

A seguir, a tabela 2 apresenta os índices de endividamento considerados para cálculo e interpretação nesta monografia e suas respectivas fórmulas de cálculo.

Tabela 2 - Índice de Endividamento

Índice		Fórmula
1	Participação do Capital de Terceiros (PCT)	$PCT = (\text{Passivo Circulante} + \text{Passivo Não Circulante}) / (\text{Passivo Circulante} + \text{Passivo Não Circulante} + \text{Patrimônio Líquido})$
2	Composição do Endividamento (CE)	$CE = \text{Passivo Circulante} / (\text{Passivo Circulante} + \text{Passivo Não Circulante})$
3	Grau de Endividamento (GE)	$GE = \text{Capital de Terceiros} / \text{Patrimônio Líquido}$

Fonte: Elaboração própria.

Os índices de endividamento, também denominados índices de estrutura de capital, complementam o cenário analítico iniciado pelos índices de liquidez. É por meio desses indicadores que se descobre quão dependente a entidade se encontra dos recursos de terceiros. Sabe-se que o Ativo (aplicação de recursos) é financiado por Capitais de Terceiros (Passivo Circulante + Passivo Não Circulante) e por Capitais Próprios (Patrimônio Líquido) (MARION, 2012).

Neste sentido, Iudicibus (2017, p.109) “salienta que esses quocientes relacionam as fontes de fundos entre si procurando retratar a posição relativa do capital próprio com relação ao capital de terceiros”. São quocientes de muita importância, pois indicam a relação de dependência da empresa com relação ao capital de terceiros.

Entretanto, Martins, Miranda e Diniz (2020), ao revelarem a dependência que a entidade apresenta com relação a terceiros, os índices de estrutura de capitais expõem também o risco a que está sujeita a organização.

Para completar a exposição dos indicadores focados na pesquisa, a seção seguinte aborda o conjunto de índices de rentabilidade.

2.3.3 Índices de rentabilidade

Os índices de rentabilidade tratam do aspecto econômico da análise empresarial. Por meio desses indicadores, são geradas informações importantes para o prosseguimento das atividades da empresa, pois a rentabilidade é indispensável para a continuidade de uma organização (MARTINS; MIRANDA; DINIZ, 2020). Ademais, o objetivo dos índices é calcular a taxa de lucro, já que a rentabilidade, em termos absolutos, não tem tanta utilidade informativa, visto que não reflete claramente o desempenho econômico das empresas (IUDÍCIBUS, 2017; MARION, 2019; MARTINS; MIRANDA; DINIZ, 2020).

Nesse particular, além da análise do Balanço Patrimonial, também se utiliza a Demonstração do Resultado do Exercício (DRE) para entender a rentabilidade dos capitais investidos. Por isso, por meio dos índices aqui explicados, é possível obter informações relevantes sobre a habilidade de a empresa gerar resultados (MARION, 2019).

De acordo com Barroso (2007) e Martins; Miranda; Diniz (2020), assim como os índices de liquidez e endividamento, os índices de rentabilidade devem ser comparados com os de outras empresas do mesmo setor para uma melhor análise.

A tabela 3, a seguir, apresenta os quatro índices de rentabilidade destacados para cálculo e interpretação neste estudo e suas respectivas fórmulas.

Tabela 3 - Índice de Rentabilidade

Índice		Fórmula
1	Giro do Ativo	$\text{Giro do Ativo} = \text{Vendas} / \text{Ativo Total}$
2	Margem Líquida (ML)	$\text{ML} = \text{Lucro Líquido} / \text{Vendas Líquidas}$
3	Retorno sobre Investimentos (ROI, ROA ou TRI)	$\text{ROI, ROA ou TRI} = \text{Lucro Líquido} / \text{Ativo Total}$
4	Retorno sobre o Patrimônio (ROE)	$\text{ROE} = \text{Lucro Líquido} / \text{Patrimônio Líquido}$

Fonte: Elaboração própria

Segundo Marion (2019), o Giro do Ativo é conhecido também como quociente de rotatividade ou produtividade, pois mostra, por meio da relação entre as

vendas líquidas e o ativo da empresa, a eficiência de utilizar seus ativos na geração de vendas.

O resultado desse índice informa quanto a empresa vendeu, para cada real investido no ativo. Mostra, portanto, quantas vezes o investimento total girou no período em análise. Então, quanto maior for esse índice, melhor para a instituição, pois significa que o investimento total impulsionado pelas vendas está girando mais rapidamente e, assim, a organização demonstra produtividade e eficiência. (MARION, 2019; MARTINS; MIRANDA; DINIZ, 2020).

Outro indicador vinculado à rentabilidade que se analisa neste trabalho monográfico é a Margem Líquida.

Da Silva (2017, p. 159) explica a distinção entre a Margem Líquida e o Giro do Ativo, indicador acima reportado. O autor pontifica que a “Margem Líquida mede a rentabilidade sobre as vendas (lucratividade) enquanto o Giro do Ativo Total indica o quão eficientemente a empresa utilizou seus ativos na geração de vendas (produtividade)”.

A propósito de Margem Líquida e Giro do Ativo, Assaf Neto (2020, p. 231) assim se pronuncia:

A margem líquida mede a eficiência global da empresa. Por exemplo, se o índice for igual a 10%, indica que 90% das receitas de vendas foram utilizadas para cobrir todos os custos e despesas incorridos, gerando a empresa 10% das vendas realizadas sob a forma de lucro líquido. Em outras palavras, de cada \$1 de vendas, a empresa auferir \$0,10 de lucro líquido. Por outro lado, o giro dos recursos próprios revela o número de vezes em que o capital próprio investido na empresa girou em determinado período em função das vendas realizadas (ASSAF NETO, 2020, p. 231).

Outro indicador bastante utilizado na análise econômico-financeira é o Retorno sobre o Ativo (ROA) (DA SILVA, 2017) ou *Return On Investment*, em inglês, (ROI) ou ainda Taxa de Retorno do Investimento (TRI).

Também denominado por Almeida (2019, p. 157) como “Índice de retorno dos investimentos”, “[...] esse índice demonstra o percentual de retorno dos ativos”. O índice informa a rentabilidade do ativo ao relacionar o Lucro Líquido com o Ativo da empresa (MATARAZZO, 2010). Esse índice indica o quanto a empresa obteve de retorno financeiro em relação ao que investiu no Ativo. Assim, o ROA informa se a empresa tem capacidade de gerar lucro e o seu poder de capitalização (MATARAZZO, 2010).

Para maior precisão do resultado, o cálculo do ROA, ROI ou TRI deverá considerar como denominador da fórmula o Ativo Total Médio. A finalidade do cálculo, considerando a média dos ativos, de acordo com Almeida (2019, p.157), é “[...] compatibilizar o período do lucro com o período dos ativos que geraram o lucro”. Sabe-se que o resultado - lucro ou prejuízo líquido - (numerador da fórmula) é constituído ao longo de todo o período e, portanto, a média dos ativos totais (denominador) reflete melhor os bens e direitos que, ao longo desse período, contribuíram para gerar o resultado. A média dos ativos, portanto, é calculada somando-se o ativo final com o ativo inicial do período, dividido por 2.

O quarto índice aqui tratado, é o Retorno sobre o Patrimônio Líquido (ou *Return on Equity*, em inglês) - (ROE), o qual relaciona o Lucro Líquido da empresa com o seu Patrimônio Líquido.

Denominado por Almeida (2019, p. 158) como “Índice de retorno dos capitais próprios”, o ROE, segundo o autor, “[...] expressa o percentual de retorno dos recursos investidos pelos proprietários na entidade”. Almeida exemplifica:

Uma taxa de retorno de 5% significa que os acionistas levarão 20 anos (100: 5) para recuperar os recursos investidos no negócio. Adicionalmente, uma taxa de retorno de 25% exprime que a entidade precisará de quatro anos (100: 25) para recuperar os seus capitais próprios aplicados na entidade (ALMEIDA, 2019, p. 158).

O resultado do índice expressa o retorno obtido pelos proprietários, demonstrando a capacidade de a empresa renumerar o investimento realizado por eles. Dessa forma, quanto maior for esse retorno, melhor para empresa e para os seus donos (MARTINS; MIRANDA; DINIZ, 2020).

Assim como no caso do ROA, o resultado do cálculo do ROE deve considerar, no denominador da fórmula, o Patrimônio Líquido Médio do período para melhor precisão do indicador e para, de acordo com Almeida (2019, p. 158), “compatibilizar o período do lucro com o período do PL que gerou o lucro”. A média dos patrimônios líquidos ativos é calculada somando-se o Patrimônio Líquido final com o Patrimônio Líquido inicial do período, dividido por 2.

Na seção seguinte, este trabalho discorre sobre o resultado da pesquisa empreendida junto a bases de dados que reúnem estudos acadêmicos publicados. Procurou-se identificar pesquisas que, de alguma forma, têm similaridade com a presente monografia, ou seja, que abordam os reflexos da pandemia da Covid-19 nas

atividades das empresas, a partir do referencial das bases indicadoras extraídas de demonstrativos financeiros.

2.4 Estudos anteriores

Infere-se, pela leitura das obras dos autores citados ao longo das seções anteriores deste capítulo, que a técnica de análise das demonstrações contábeis por intermédio de indicadores econômico-financeiros é ferramenta poderosa para revelar o desempenho e o patrimônio das organizações em determinado período, porém os estudos que se utilizam dessa técnica ainda são quantitativamente modestos para avaliar impactos financeiros causados pela pandemia da Covid-19 nas empresas brasileiras listadas na B3.

Cardoso e Tristão (2021) analisaram o impacto da pandemia da Covid-19 nos indicadores econômico-financeiros e a retomada das atividades no setor de hotelaria, por meio de estudo de caso na Rede de Hotéis Othon S.A. A pesquisa abrangeu o período de 2016 a 2020 e se utilizou dos dados coletados no Economática e na B3. Os autores consideraram para o estudo os indicadores de liquidez, rentabilidade, retorno das ações e estrutura de capital. O resultado obtido mostra que a rede de hotéis já apresentava dificuldade financeira no período que antecede 2020, agravando a sua situação no período da pandemia.

Costa, Pereira e Lima (2021) estudaram os reflexos da pandemia da Covid-19 nos indicadores econômico-financeiros de empresas listadas na B3 classificadas no setor de produtos de higiene e limpeza. Foi considerado o período do primeiro trimestre de 2019 ao terceiro de 2020 e analisados os indicadores de liquidez, estrutura de capital e rentabilidade das empresas Bombril S.A. e Natura Cosméticos S.A. O resultado do trabalho indica que houve impacto positivo em ambas as empresas, sendo o indicador de maior relevância o aumento da receita líquida de vendas. A pesquisa também concluiu que as empresas investigadas demonstraram capacidade de cumprir seus compromissos, embora tenham utilizado capital de terceiros.

Silva (2020) analisou o impacto da pandemia da Covid-19 na continuidade operacional das companhias listadas na B3, abrangendo os períodos de 2018, 2019, e o primeiro e segundo trimestres de 2020. No início, os autores acreditavam que a

pandemia causaria grandes impactos, contudo a análise chegou à conclusão de que não houve impactos significativos.

Diehl e Duarte (2021) investigaram o impacto da pandemia da Covid-19 no desempenho econômico e financeiro de três empresas do varejo listadas na B3 (Lojas Americanas, Magazine Luíza e Via Varejo). Foram analisados dados referentes aos anos de 2019 e 2020. Na conclusão do estudo, os autores reportam que as empresas apresentaram crescimento nas vendas, demonstrando assim que conseguiram contornar os problemas causados pela pandemia.

Os efeitos da pandemia da Covid-19 nos indicadores econômico-financeiros das empresas listadas na B3 também foram investigados em trabalho acadêmico realizado por Freitas (2021). Trata-se de pesquisa descritiva e quantitativa que utiliza o teste estatístico *t-Student*. Os resultados divulgados da pesquisa informam que não há diferenças estatisticamente significativas entre os índices econômico-financeiros de liquidez, endividamento e rentabilidade calculados antes e depois da pandemia da Covid-19, o que, segundo o autor, evidencia que a maioria das empresas listadas na B3 conseguiu tomar medidas e reagir para minimizar os efeitos da crise pandêmica, o que se refletiu em seus indicadores econômico-financeiros.

Outro estudo foi realizado por Machado (2020) que analisou os impactos da pandemia da Covid-19 mediante os dados evidenciados nas demonstrações financeiras das empresas Grupo Carrefour Brasil, GPA Alimentar, Via Varejo, Americanas e Magazine Luiza. O período estudado compreendeu os três primeiros trimestres de 2020. De acordo com o autor, a pesquisa evidenciou que as companhias não reportaram dados relevantes de algumas contas patrimoniais, por outro lado, em relação às rubricas evidenciadas, os impactos nas demonstrações foram menores que o esperado, devido à gravidade do cenário financeiro mundial. Dessa forma, pode-se concluir que o reporte às demonstrações contábeis ficaram aquém do esperado, uma vez que elas evidenciaram mais informações para mitigar os efeitos da pandemia do que os impactos em suas contas patrimoniais.

Constata-se que ainda são poucos os trabalhos publicados que abordam o efeito da pandemia da Covid-19 no patrimônio e desempenho das organizações tendo como base de estudo os índices econômico-financeiros extraídos de demonstrações contábeis de empresas brasileiras listadas na B3. Estima-se que este trabalho, por utilizar um quantitativo expressivo de entidades (57) vinculadas a setores, subsetores

e segmentos empresariais relevantes da economia brasileira e por ter como base de análise uma quantidade ampla e diversa de indicadores, poderá trazer contribuições significativas para melhor compreensão dos fenômenos advindos da pandemia e das consequências provocadas no patrimônio e no desempenho das organizações.

3 METODOLOGIA

As ciências, de acordo com Lakatos (2021, p. 93), “... caracterizam-se pela utilização de métodos científicos...” e “... não há ciência sem o emprego de métodos científicos”. A autora complementa o raciocínio com a definição de método como o

[...]conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo de produzir conhecimentos válidos e verdadeiros, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista (LAKATOS, 2021, p.93).

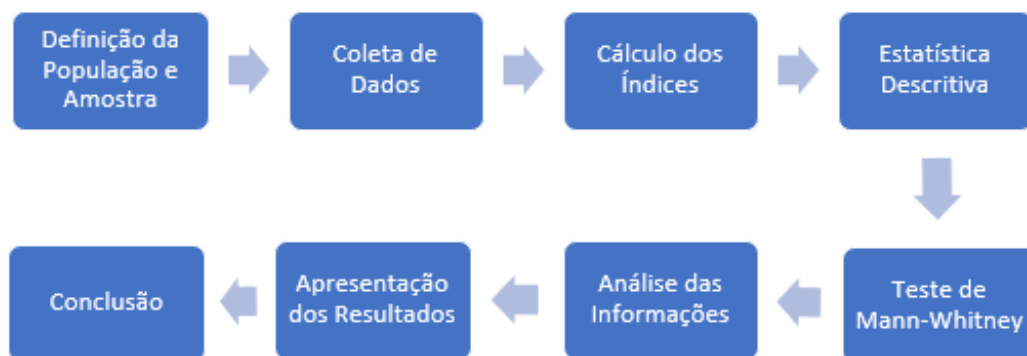
Hegenberg (1976, p. 115) *apud* Marconi e Lakatos (2022, p. 46) preconiza que o método é o “caminho pelo qual se chega a determinado resultado, ainda que esse caminho não tenha sido fixado de antemão de modo refletido e deliberado”.

Nas seções a seguir, apresentam-se os principais aspectos relacionados à metodologia utilizada nesta monografia para o cumprimento dos objetivos propostos. São expostos: as etapas sequenciadas da pesquisa empírica; a tipologia do estudo; a população e a amostra selecionadas; e os procedimentos utilizados para obtenção dos resultados.

3.1 Etapas da pesquisa

O Gráfico 4, a seguir, mostra a sequência de atividades empreendidas durante a pesquisa.

Gráfico 4 - Sequência de atividades



Fonte: Elaboração própria.

A etapa preliminar da pesquisa empírica desta monografia consistiu em se definir a população a ser estudada e da amostra que se designou como foco de investigação minuciosa para, em seguida, definirem-se as variáveis da pesquisa a serem comparadas estatisticamente.

Escolhidas a população e a amostra, passou-se à coleta de dados que serviram às etapas subsequentes para cumprimento dos objetivos programados no trabalho monográfico: o cálculo de indicadores econômico-financeiros e a aplicação de técnicas estatísticas. Na sequência, passou-se à análise das informações até então arregimentadas e produzidas.

Dando continuidade, foi apresentada a análise dos resultados mais significativos obtidos na pesquisa e expostas as principais conclusões da autora sobre os achados do estudo.

3.2 Tipologia

Esta monografia é tipificada sob três aspectos: (i) quanto à abordagem metodológica; (ii) quanto aos objetivos; e (iii) quanto aos seus procedimentos.

Quanto à abordagem metodológica, o estudo classifica-se como quantitativo, porquanto se utiliza de dados coletados para elaboração de diversos cálculos matemáticos e estatísticos. Portanto, os resultados do presente estudo emergem de dados empíricos coletados de forma sistemática. Sampieri, Collado e Lucio (2013, p. 30) *apud* Marconi e Lakatos (2022, p. 295) ensinam que “o enfoque quantitativo se volta para a descrição, previsão e explicação, bem como para dados mensuráveis ou observáveis [...]”.

No que se refere aos objetivos desta monografia, a investigação classifica-se como pesquisa descritiva.

As pesquisas descritivas, conforme afirma Gil (2017, p. 26) *apud* Marconi e Lakatos (2022, p. 297), “[...objetivam descrever as características de uma população, ou identificar relações entre variáveis]”. Portanto, este estudo se caracteriza como descritivo ao analisar os indicadores econômico-financeiros calculados a partir das demonstrações contábeis de empresas do mercado acionário com a observação e a comparação de variáveis passíveis de sofrer impacto em decorrência da pandemia da Covid-19 no período fixado para a análise.

No que concerne aos procedimentos técnicos utilizados, a pesquisa em análise caracteriza-se como documental e bibliográfica.

A pesquisa documental é aquela que usa dados já existentes em documentos, ou seja, dados oriundos de fontes primárias que ainda não foram tratadas cientificamente (GIL, 2018; MARCONI; LAKATOS, 2021).

Dessa forma, este estudo é documental, porque tem como base documentos primários (demonstrações contábeis, formulários de referência, notas explicativas, comunicados ao mercado e outros) publicados pelas entidades que são foco desta investigação.

Por sua vez, a pesquisa bibliográfica levanta ou revisa material já publicado sobre a teoria que direciona o trabalho científico, de modo a colocar o pesquisador em contato com as diversas abordagens teóricas preconizadas sobre o assunto. O material revisado é constituído principalmente de textos divulgados em livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, teses, dissertações, monografias, material cartográfico e *internet*, devendo passar por criteriosa avaliação quanto à veracidade dos dados obtidos e observação de possíveis incoerências ou contradições que os textos possam conter. (PRODANOV e FREITAS, 2013)

Pesquisa documental e pesquisa bibliográfica apresentam similaridades. O que difere uma da outra, segundo Gil (2002), é a natureza das fontes. Enquanto a bibliográfica se utiliza das colaborações de diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não possuem ainda um tratamento analítico ou que ainda podem ser reformulados de acordo com os objetos da pesquisa. O presente estudo enquadra-se em ambas as modalidades de pesquisa (documental e bibliográfica).

3.3 Fontes de dados, população, amostra e variáveis da pesquisa

A pesquisa tem como principal fonte de dados demonstrações financeiras consolidadas publicadas no *site* da B3 e, sempre que se fez necessário, recorreu-se aos *sites* das respectivas entidades pesquisadas para complementar ou confirmar dados ou informações.

A razão da escolha dessa fonte de dados decorre da esperada qualidade intrínseca das mencionadas demonstrações financeiras, notadamente no que diz respeito à confiabilidade, relevância e representação fidedigna, dentre outras

características. Corrobora para esse entendimento o fato de os demonstrativos contábeis submetidos à B3 serem obrigatoriamente examinados por auditores independentes registrados na Comissão de Valores Mobiliários – CVM, conforme preconiza o §3º do artigo 177 da Lei 6.404, de 15 de dezembro de 1976, atualizada pela Lei 11.941, de 27 de maio de 2009.

Observadas as características qualitativas da fonte de dados, procurou-se conhecer a estrutura classificatória das empresas listadas na B3, onde estão determinados os setores, subsetores e segmentos de atuação de todas as organizações que compõem aquela entidade.

De acordo com a B3 (2022), a estrutura para a classificação setorial de cada entidade foi elaborada considerando-se, principalmente, os tipos e os usos dos produtos ou serviços desenvolvidos pelas empresas, com o propósito de fornecer uma identificação mais objetiva dos setores de atuação das empresas, já a partir do primeiro nível da estrutura.

Na data fixada como de referência para o final da coleta de dados (12 de abril de 2022), existia na B3 um total de 476 empresas distribuídas em onze setores econômicos e 43 subsetores e 84 segmentos, conforme tabela 4 abaixo, que ilustra a estrutura classificatória das empresas em setores, subsetores e segmentos negociais.

Tabela 4 - População: Empresas listadas na B3 classificadas por setores, subsetores e segmentos empresariais

Distribuição das 476 empresas da B3 por setores, subsetores e segmentos econômicos							
SUBSETOR	SEGMENTO	Quantidade de empresas		SUBSETOR	SEGMENTO	Quantidade de empresas	
		No segmento	No subsetor			No segmento	No subsetor
SETOR ECONÔMICO: Bens Industriais - 75 empresas				SETOR ECONÔMICO: Financeiro - 90 empresas			
Comércio	Material de Transporte	4	4	Exploração de Imóveis	Exploração de Imóveis	15	
	Construção Pesada	1			Intermediação Imobiliária	2	17
Máq. e Equipamentos	Engenharia Consultiva	2		Holdings Diversificadas	Holdings Diversificadas	3	3
	Produtos para Construção	3	6		Intermediários Financeiros	Bancos	26
	Armas e Munições	1			Soc. Arrend. Mercantil	2	
	Máq. e Eq. Const. e Agrícolas	2			Soc. Crédito e Financiamento	3	31
	Máq. e Equip. Industriais	11			Outros Títulos	3	3
Mat. de Transporte	Motores, Compr. e Outros	2	16	Outros Títulos	Outros Títulos	3	3
	Mat. Aeron. e de Defesa	1			Previdência e Seguros	Corret. de Seg. e Resseguros	2
	Serviços Diversos	Material Rodoviário	2	8		Ressuradoras	1
Serviços Diversos		9	9		Seguradoras	6	9
Transporte	Serviços Diversos	9	9	Securitiz. de Recebíveis	Securit. de Recebíveis	14	14
	Exploração de Rodovias	13			Serv. Financeiros Diversos	Gest. de Rec. e Investimentos	5
	Serv. de Ap. e Armazenagem	7			Serv. Financeiros Diversos	8	13
	Transporte Aéreo	2		SETOR ECONÔMICO: Materiais Básicos - 33 empresas			
	Transporte Ferroviário	5		Embalagens	Embalagens	2	2
	Transporte Hidroviário	3		Madeira e Papel	Madeira	2	
	Transporte Rodoviário	2	32		Papel e Celulose	4	6
SETOR ECONÔMICO: Consumo Cíclico - 93 empresas				Materiais Diversos	Materiais Diversos	1	1
Autom. e Motocicletas	Automóveis e Motocicletas	3	3	Mineração	Minerais Metálicos	2	8
	Eletrodomésticos	3			Químicos	Fertilizantes e Defensivos	3
Comércio	Produtos Diversos	7			Petroquímicos	2	
	Tecidos, Vestuário e Calçados	8	18		Químicos Diversos	2	7
	Incorporações	28	28	Siderurgia e Metalurgia	Artefatos de Cobre	1	
	Aluguel de carros	6			Artefatos de Ferro e Aço	3	
	Construção Civil	Programas de Fidelização	1			Siderurgia	5
Serviços Educacionais		6	13	SETOR ECONÔMICO: Comunicações - 10 empresas			
Hotelaria		1		Mídia	Pr. e Dif. de Film. e Programas	1	
Hotéis e Restaurantes	Restaurante e Similares	2	3		Publicidade e Propaganda	1	2
	Tec., Vest. e Calçados	Acessórios	3		Telecomunicações	Telecomunicações	2
Calçados		4		SETOR ECONÔMICO: Outros - 16 empresas			
	Fios e Tecidos	11		Outros	Outros	16	16
Utilidades Domésticas	Vestuário	1	19	SETOR ECONÔMICO: Petróleo, Gás e Biocombustíveis - 13 empresas			
	Eletrodomésticos	1		Petróleo, Gás e Biocombustíveis Equipamentos e Serviços		3	
Viagens e Lazer	Móveis	1			Explor., Refino e Distribuição	10	13
	Utensílios Domésticos	1	3	SETOR ECONÔMICO: Saúde - 24 empresas			
	Atividades Esportivas	1		Com. e Distr./Med. e Out. Prod.	Medic. e Outros Produtos	11	11
	Bicicletas	1		Equipamentos	Equipamentos	2	2
	Brinquedos e Jogos	1		Serv. Méd-Hosp., An. e Diag.	Serv. Méd-Hosp., Anál. e Diag.	11	11
	Prod. de Eventos e Shows	2		SETOR ECONÔMICO: Consumo Não Cíclico - 33 empresas			
	Viagens e Turismo	1	6	Agropecuária	Agricultura	11	11
SETOR ECONÔMICO: Consumo Não Cíclico - 33 empresas				Alim. Processados	Açúcar e Alcool	3	
Agropecuária	Agricultura	11	11	Alimentos Diversos	Alimentos Diversos	5	
	Alim. Processados	3			Carnes e Derivados	6	14
Bebidas	Cervejas e Refrigerantes	1	1	Prod. de Eventos e Shows	Prod. de Eventos e Shows	2	
	Com. e Distribuição	Alimentos	4		4	Viagens e Turismo	1
Prod. Uso Pess. e Limpeza	Produtos de Limpeza	1		SETOR ECONÔMICO: Tecnologia da Informação - 19 empresas			
	Produtos de Uso Pessoal	2	3	Comput. e Equipamentos	Comput. e Equipamentos	3	3
				Programas e Serviços	Programas e Serviços	16	16
				SETOR ECONÔMICO: Utilidade Pública - 70 empresas			
Com. e Distribuição	Alimentos	4	4	Água e Saneamento	Água e Saneamento	2	8
	Prod. Uso Pess. e Limpeza	Produtos de Limpeza	1		Energia Elétrica	Energia Elétrica	53
		Produtos de Uso Pessoal	2	3	Gás	Gás	3

Fonte: Elaboração própria, a partir de informações colhidas no site da B3 (2022).

Para o presente estudo, definiu-se que o conjunto formado pelas 476 empresas que integram a B3 em 12 de abril de 2022 (vide tabela 4, supra) constitui a população da pesquisa e que a amostra escolhida para aprofundamento da análise é formada inicialmente por todas as empresas que, em 12 de abril de 2022, estavam classificadas nos setores econômicos de saúde e de consumo não cíclico da B3, conforme demonstra a tabela 5 a seguir.

Tabela 5 - Definição da População e da Amostra: quantidades de empresas

Setores empresariais da B3	Quantidade de entidades	Percentual sobre a População
Setores da amostra		
Saúde	24	5,0%
Consumo Não Cíclico	33	6,9%
Subtotal (Amostra)	57	12,0%
Outros	<u>419</u>	<u>88,0%</u>
Quantidade total de entidades (População)	476	100,0%

Fonte: Elaboração própria, com base na classificação setorial da B3 (2022)

Conforme apresenta a tabela 5, a amostra recai sobre dois setores considerados muito relevantes na economia brasileira, os quais, somados, representam 57 empresas (12,0% da quantidade de empresas da B3).

As empresas desses setores detinham, em 31 de dezembro de 2021, ativos totais de R\$ 1.114 bilhões (eram R\$ 704 bilhões e R\$ 885 bilhões, respectivamente, em 31 de dezembro de 2019 e 2020) e patrimônios líquidos acumulados de R\$ 355 bilhões (R\$ 218 bilhões, em 31 de dezembro de 2019, e R\$ 295 bilhões, em 31 de dezembro de 2020).

Em 2021, a soma do faturamento líquido das empresas dos setores da amostra chegou a R\$1.163 bilhões, montante 25,5% superior ao de 2020 e 56,3% maior que o de 2019.

Para o setor de saúde, foram extraídos, para a amostra, dados relativos a um total de 24 empresas, que correspondem a 5,0% da quantidade de empresas da população e a 42,1% da quantidade de empresas da amostra. O setor de saúde era formado, em 31 de dezembro de 2021, por empresas que detinham R\$ 189 bilhões em ativos (eram R\$ 147 bilhões em 31 de dezembro de 2020 e R\$ 105 bilhões em 31 de dezembro de 2019). Essas empresas, somadas, registravam, em 31 de dezembro de 2021, patrimônios líquidos acumulados de R\$ 70 bilhões (R\$ 54 bilhões e 41 bilhões, em 31 de dezembro de 2020 e 2019, respectivamente).

Empresas do setor de saúde que participam da amostra faturaram juntas, em 2021, R\$114 bilhões, 27,6% a mais que em 2020 e 49,6% a mais que em 2019.

Por sua vez, o setor de consumo não cíclico da B3 escolhido para a amostra é composto de 33 organizações, que correspondem a 6,9% da quantidade de empresas da população e a 57,9% da quantidade de empresas da amostra. Em 31 de dezembro de 2021, o setor de consumo não cíclico representava empresas com ativos totais de R\$925 bilhões R\$738 bilhões em 31 de dezembro de 2020 e R\$599 bilhões

em 31 de dezembro de 2019). Os patrimônios líquidos acumulados das empresas do setor de consumo não cíclico correspondiam, em 31 de dezembro de 2021, a um montante de R\$286 bilhões (R\$241 bilhões e 177 bilhões, em 31 de dezembro de 2020 e 2019, respectivamente).

Em 2021, o faturamento líquido das empresas do setor de consumo não cíclico totaliza R\$1.049 bilhões, 25,2% a mais que em 2020 e 57,0% a mais que em 2019.

A coleta dos dados foi realizada durante os meses de março e abril de 2022 e o período escolhido de análise corresponde aos exercícios sociais de 2018 a 2021, dando margem para que se possa efetivamente comparar os dados de antes da pandemia com os dos dois primeiros anos da crise sanitária.

Convém lembrar que, das organizações originalmente escolhidas para a amostragem, foram excluídas integralmente do estudo as empresas Humberg Agribrasil Com. e Export. de Grãos S.A., Siderúrgica J. L. Aliperti S.A. e Pomifrutas S/A (todas do setor de consumo não cíclico) pelo fato de que os dados apresentados por essas empresas (patrimônio líquido a descoberto, resultados incongruentes etc.), se considerados, distorceriam os resultados do trabalho monográfico.

Depois de colhidos e tratados os dados, foram definidas as variáveis de pesquisa para estabelecer se existem, efetivamente, diferenças estatisticamente significativas de desempenho empresarial entre os setores de saúde e consumo não cíclico da B3.

Assim, foi definido como variáveis a serem submetidas aos testes estatísticos o conjunto de indicadores econômico-financeiros médios calculados para as empresas classificadas nos setores de saúde e de consumo não cíclico da B3, a saber: Giro do Ativo, Margem Líquida, Retorno sobre o Ativo, Retorno sobre o Patrimônio Líquido, Participação dos Capitais de Terceiros nos Recursos Totais, Grau de Endividamento, Índice de Liquidez Geral, Índice de Liquidez Corrente, Índice de Liquidez Seca e Índice de Liquidez Imediata.

Em seguida, as duas amostras independentes (Indicadores do Setor Saúde e Indicadores do Setor Consumo Não Cíclico) foram submetidas ao teste de diferença de médias de Mann-Whitney, com o intuito de verificar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre os desempenhos dos dois setores.

O teste de Mann-Whitney foi utilizado, pois os testes Kolmogorov-Smirnov e Shapiro Wilk verificaram que os dados não apresentavam distribuição normal.

Conforme ensina Fávero (2015), o teste de Mann-Whitney é usado para variáveis ordinárias e tem como objetivo verificar se duas amostras não pareadas e independentes, ou seja, de tamanhos diferentes, foram extraídas da mesma população. O teste de Kolmogorov-Smirnové, teste para normalidade univariada, compara à distribuição de frequências acumuladas de um conjunto de valores observados com uma distribuição esperada. Como alternativa ao teste de Kolmogorov-Smirnov existe o teste de Shapiro Wilk que pode ser aplicado para amostras de tamanho $4 \leq n \leq 2.000$, sendo uma alternativa ao teste de normalidade de Kolmogorov-Smirnov (K-S), no caso de pequenas amostras ($n < 30$).

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este capítulo se destina à análise dos resultados alcançados na pesquisa a partir da aplicação de instrumentos matemáticos e estatísticos nos dados obtidos por meio dos demonstrativos contábeis divulgados no *site* da B3 e complementados por informações obtidas nos *sites* das empresas da amostra.

O estudo contemplou a análise individualizada das demonstrações financeiras consolidadas do período de 2018 a 2021, relativas a 57 empresas com títulos negociados no mercado acionário. Todas as mencionadas entidades da amostra são reguladas e fiscalizadas pela Comissão de Valores Mobiliários.

Foram calculados, interpretados e comparados onze indicadores econômico-financeiros extraídos das mencionadas demonstrações e tabulados, de forma a consolidar, para os respectivos setores, subsetores e segmentos econômicos, os resultados obtidos de cada empresa em cada um dos anos do período em análise.

No Apêndice A, estão discriminados, ano a ano, os cálculos individualizados dos indicadores de cada empresa e dos seus respectivos segmentos, subsetores e setores negociais.

Nas subseções a seguir, apresenta-se a análise comparativa dos resultados da pesquisa, contemplando os setores de saúde e consumo não cíclico da B3, sob três perspectivas: liquidez, estrutura de capitais e rentabilidade. Também é mostrado o resultado da aplicação de testes estatísticos para descobrir se existem diferenças estatisticamente significativas entre os conjuntos de indicadores dos dois setores econômicos pesquisados.

Convém informar que todos os indicadores econômico-financeiros reportados na análise mostrada neste capítulo representam índices médios dos setores e são decorrentes do cálculo, para cada setor, das médias dos índices individuais das respectivas empresas que os compõem. Por exemplo: a liquidez geral média do setor de saúde equivale à média de todos os índices de liquidez geral das 24 empresas desse setor consideradas na amostra, enquanto a liquidez geral média do setor de consumo não cíclico corresponde à média dos 33 índices de liquidez geral calculados individualmente para as empresas desse setor escolhido para amostragem.

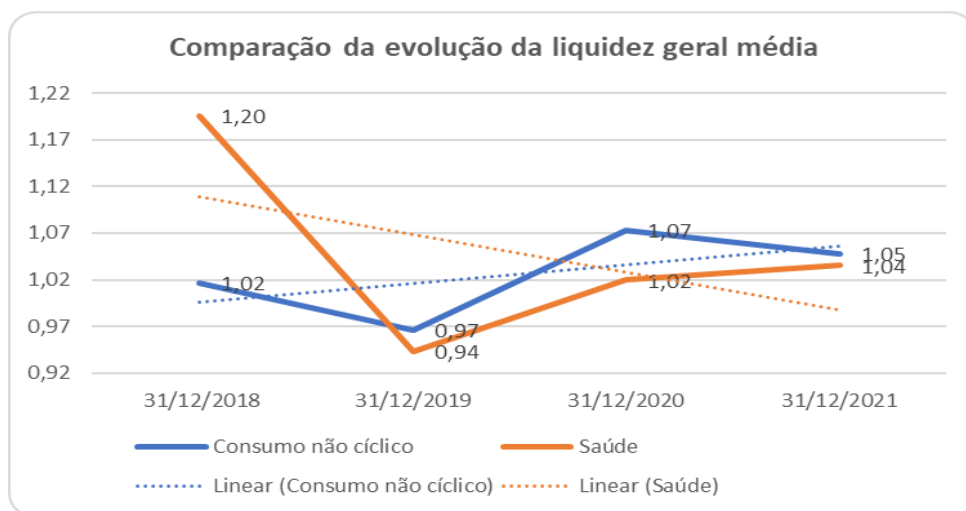
4.1 Análise da liquidez

Nesta seção, é apresentada a análise dos indicadores médios de liquidez calculados, os quais revelam a capacidade de uma organização honrar os seus compromissos. São contemplados os índices de Liquidez Geral, Liquidez Corrente, Liquidez Seca e Liquidez Imediata.

4.1.1 Liquidez geral

O Gráfico 5, a seguir, demonstra o comportamento e evolução dos índices médios de liquidez geral dos setores escolhidos para a amostra, no período.

Gráfico 5 - Evolução da liquidez geral média



Fonte: Elaboração própria.

No Gráfico 5, é possível verificar que, de 2018 para 2019, período anterior à pandemia, ambos os setores em análise apresentavam quedas relevantes na liquidez geral, sendo mais acentuado o declínio da liquidez geral do setor de saúde. Percebe-se também que, a partir dos anos de pandemia, houve melhoras na liquidez geral dos dois setores, quando se comparam as situações dos anos de 2020 e de 2021 com o ano de 2019.

Ressalte-se a evolução sucessiva da liquidez geral do setor de saúde, enquanto o setor de consumo não cíclico passa a declinar no segundo ano pós-início da pandemia em 2021.

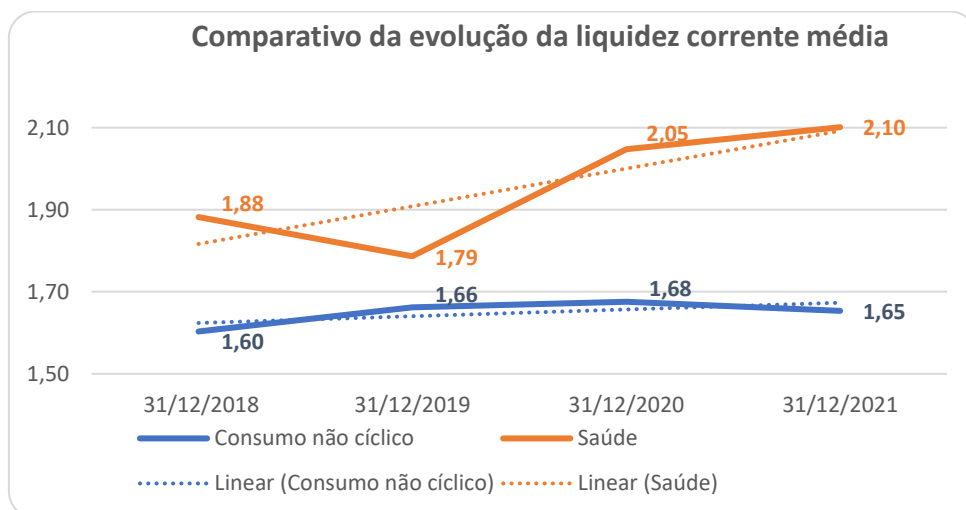
Este resultado pode ser explicado, porquanto o setor de saúde, a partir da pandemia, passou a ter maior demanda por serviços médico-hospitalares e por medicamentos.

Por sua vez, o setor de consumo não cíclico, em geral, é resistente a intempéries. Esse setor engloba os subsetores Agropecuária, Alimentos Processados, Bebidas, Comércio e Distribuição e Produtos de Uso Pessoal e de Limpeza, os quais se compõem de itens cujo consumo não está diretamente relacionado aos ciclos econômicos. Nesses subsetores, a volatilidade (variabilidade) de receitas e resultados é baixa frente às volatilidades da economia e, portanto, a demanda cai pouco em crises e também não cresce tanto quando a economia está aquecida.

4.1.2 Liquidez corrente

O Gráfico 6, a seguir, mostra a capacidade de as empresas dos setores em análise quitar todas as suas dívidas exigíveis no curto prazo (até o final do próximo exercício social) contando com os bens e direitos conversíveis em dinheiro também no curto prazo, ou seja, realizáveis até o final do próximo exercício social.

Gráfico 6 - Evolução da liquidez corrente média



Fonte: Elaboração própria.

Verifica-se, pelo que demonstra o Gráfico 6, que, no período imediatamente anterior à pandemia (de 2018 para 2019), o setor de saúde apresenta queda na liquidez corrente, ao contrário do setor de consumo não cíclico, no qual a liquidez corrente melhorou de 2018 para 2019. No período pandêmico, todavia, houve

melhoras significativas na capacidade de as empresas do setor de saúde honrarem seus compromissos de curto prazo, enquanto o setor de consumo não cíclico, apesar dos aumentos observados nos anos de 2019 e 2020, passa a declinar no segundo ano pós-início da pandemia em 2021.

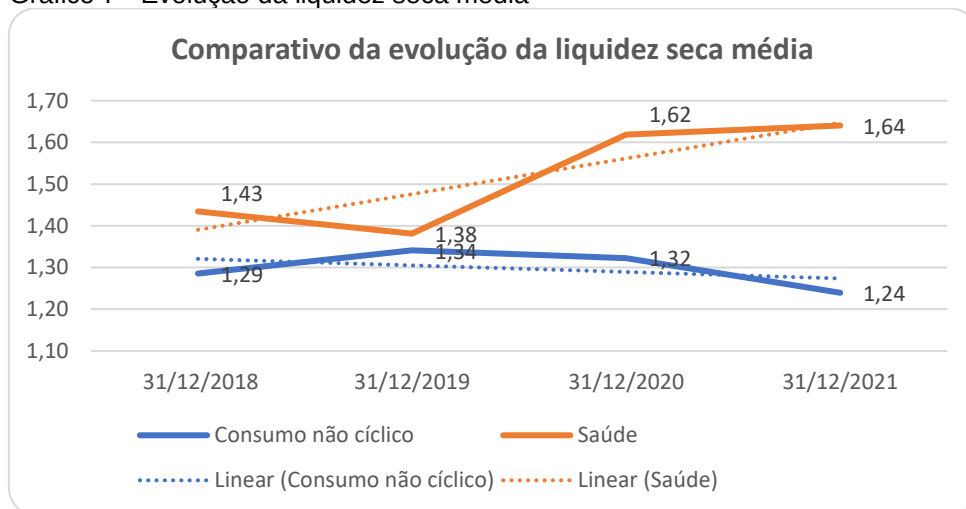
Assim, é perceptível que o setor de saúde se beneficia com a crise sanitária bem mais que o setor de consumo não cíclico.

4.1.3 Liquidez seca

Liquidez seca representa a capacidade de pagamento das dívidas exigíveis até o final do próximo exercício social contando a entidade apenas com os bens e direitos conversíveis em dinheiro no curto prazo, sem que, para isso, seja necessário vender os estoques, os quais são considerados elementos menos líquidos do Ativo Circulante.

A comparação da evolução, no período em análise, da liquidez seca média dos setores de saúde e de consumo não cíclico da B3 está demonstrada no Gráfico 7 a seguir.

Gráfico 7 - Evolução da liquidez seca média



Fonte: Elaboração própria.

Tal qual na liquidez corrente média e pelas mesmas razões, os setores em análise têm trajetórias contrárias no período estudado em se tratando de liquidez seca média. Conforme o Gráfico 7 acima, a tendência do setor de saúde é melhorar a

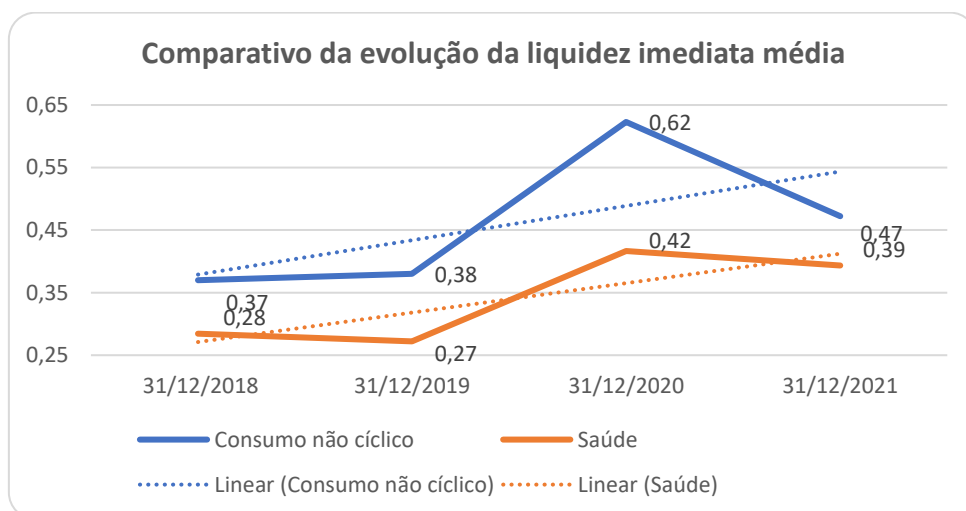
situação de liquidez seca média, à medida que a pandemia avança, ao contrário do setor de consumo não cíclico.

4.1.4 Liquidez imediata

O índice de liquidez imediata demonstra a capacidade de uma organização saldar obrigações de curto prazo utilizando apenas as suas disponibilidades. Esse quociente normalmente é baixo, posto que as disponibilidades quase sempre representam parcela mínima do ativo que não é suficiente para cobrir as exigibilidades de curto prazo.

O Gráfico 8, a seguir, demonstra o comportamento da liquidez imediata ao longo do período selecionado para os dois setores analisados.

Gráfico 8 - Evolução da liquidez imediata média



Fonte: Elaboração própria.

Justamente pelo fato de as disponibilidades representarem parcelas mínimas do ativo e, portanto, em geral, as organizações não disporem de recursos imediatos para liquidar suas obrigações de curto prazo, as trajetórias mostradas no Gráfico 8, dos indicadores de ambos os setores pesquisados têm curvas semelhantes, refletindo que os efeitos da pandemia na liquidez imediata média independem do setor econômico.

Ao término da análise dos indicadores de liquidez, pode-se afirmar, em síntese, que a pandemia de coronavírus afetou a liquidez dos setores pesquisados, trazendo benefícios consideráveis ao setor de saúde e prejudicando o setor de

consumo não cíclico, notadamente na capacidade de honrar compromissos de curto prazo.

4.2 Análise do endividamento

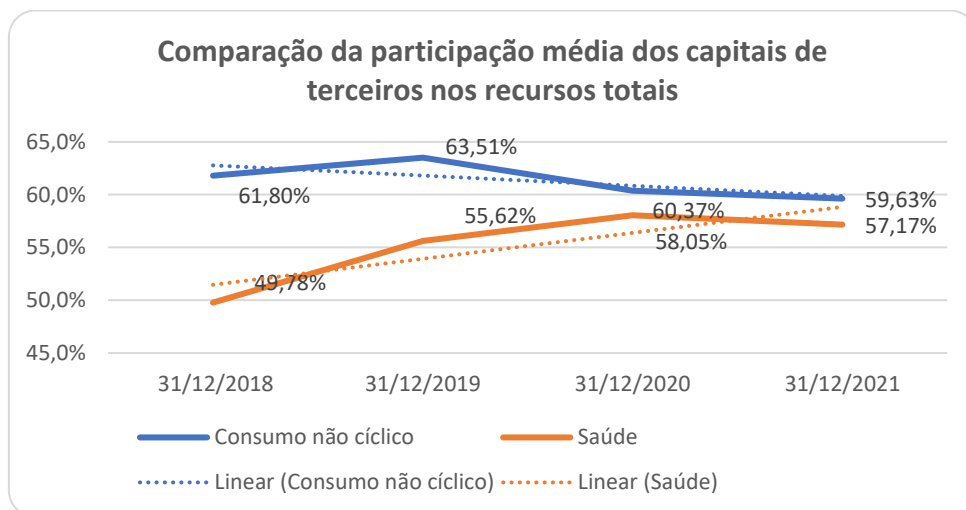
Nesta seção, passa-se a apresentar a análise dos indicadores de estrutura de capitais (endividamento), ou seja, da participação de capitais de terceiros nos Recursos Totais, do Grau do Endividamento e da Composição do Endividamento.

4.2.1 Participação de capitais de terceiros nos Recursos Totais (PCT)

O índice de participação de capitais de terceiros nos recursos totais investidos no ativo revela quanto dos capitais totais postos à disposição da entidade pertence a terceiros, evidenciando o endividamento.

O Gráfico 9, a seguir, demonstra o comportamento do indicador ao longo do período em análise para os dois setores da amostra.

Gráfico 9 - Evolução da participação média do capital de terceiros nos recursos totais



Fonte: Elaboração própria.

As trajetórias mostradas no Gráfico 9 indicam que, antes da pandemia, o endividamento de ambos os setores pesquisados estava em ascensão e, em 2019, os recursos de terceiros tinham participação maior do que os recursos próprios no cômputo dos recursos totais de ambos os setores pesquisados, sendo que o

endividamento do setor de consumo não cíclico era 7,89 pontos percentuais maior que o setor de saúde.

Com o advento da crise sanitária, o endividamento do setor de consumo não cíclico diminuiu sucessivamente, caindo 3,14 pontos percentuais, de 2019 para 2020, e 3,88 pontos percentuais, de 2019 para 2021. Por sua vez, o endividamento do setor de saúde, que experimentou uma elevação de 2,43 pontos percentuais no primeiro ano pandêmico (2020), caiu 0,88 ponto percentual, de 2020 para 2021, mas ainda tem nível 1,55 ponto percentual superior ao registrado no último ano antecedente à pandemia.

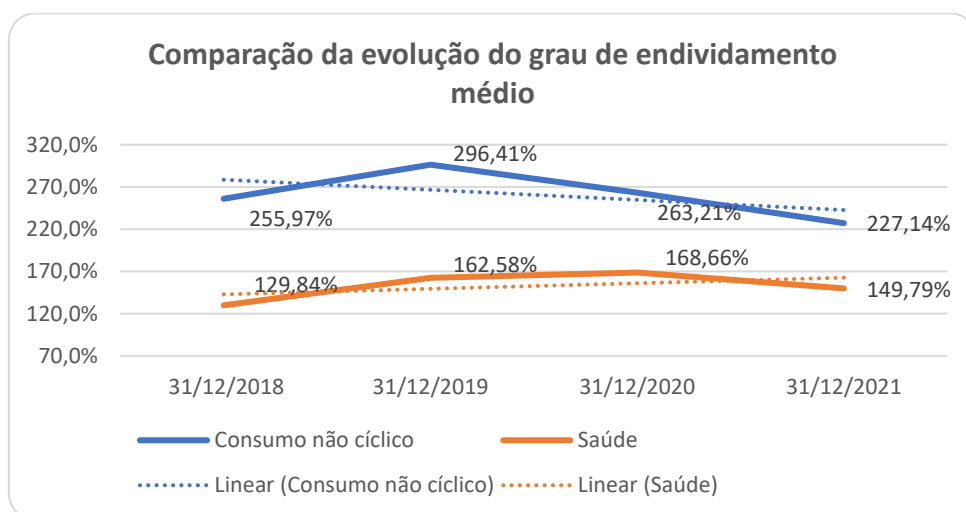
Ao término de 2021, a diferença entre os indicadores de participação média dos capitais de terceiros nos recursos totais dos dois setores caiu para 2,46 pontos percentuais.

4.2.2 Grau de endividamento (GE)

Outro indicador que revela quanto uma organização se encontra dependente dos capitais de terceiros é o grau de endividamento, o qual informa a representatividade dos capitais de terceiros nos recursos próprios da entidade.

A comparação da evolução, no período em análise, do grau de endividamento médio dos setores de saúde e de consumo não cíclico da B3 está demonstrada no Gráfico 10 a seguir.

Gráfico 10 - Evolução do grau de endividamento médio



Fonte: Elaboração própria.

Os setores em análise têm trajetórias relativamente semelhantes no período em estudo, em se tratando do grau de endividamento médio, conforme mostra o Gráfico 10. Estavam com o endividamento em ascensão antes da pandemia e, com a crise, o indicador passou a declinar em ambos os setores, com maior destaque para as quedas experimentadas pelo indicador do setor de consumo não cíclico (33,20 pontos percentuais, de 2019 para 2020, e de 69,27 pontos percentuais, de 2019 para 2021).

O indicador, no caso do setor de saúde, teve aumento de 6,08 pontos percentuais, de 2019 para 2020, mas declinou 12,79 pontos percentuais, de 2019 para 2021.

Assim, ao término do segundo ano de pandemia, os graus de endividamento médios dos dois setores pesquisados estavam em níveis inferiores aos registrados em 2019, ano imediatamente anterior à oficialização da pandemia pela OMS.

No final de 2021, para cada R\$ 100,00 de recursos próprios das empresas vinculadas ao setor de consumo não cíclico da B3, havia, em média, R\$ 227,14 em dívidas exigíveis (eram R\$ 296,41 em 31 de dezembro de 2019). Por sua vez, na mesma data (31 de dezembro de 2021), para cada R\$ 100,00 de recursos próprios das empresas do setor de saúde da B3, havia, em média, R\$ 149,79 em obrigações para com terceiros (eram R\$ 162,58 em 31 de dezembro de 2019).

Nos anos pandêmicos, a distância entre os indicadores dos dois setores encurtou 56,58 pontos percentuais (era de 133,83 pontos percentuais em 31 de dezembro de 2019 e passou a 77,35 em 31 de dezembro de 2021).

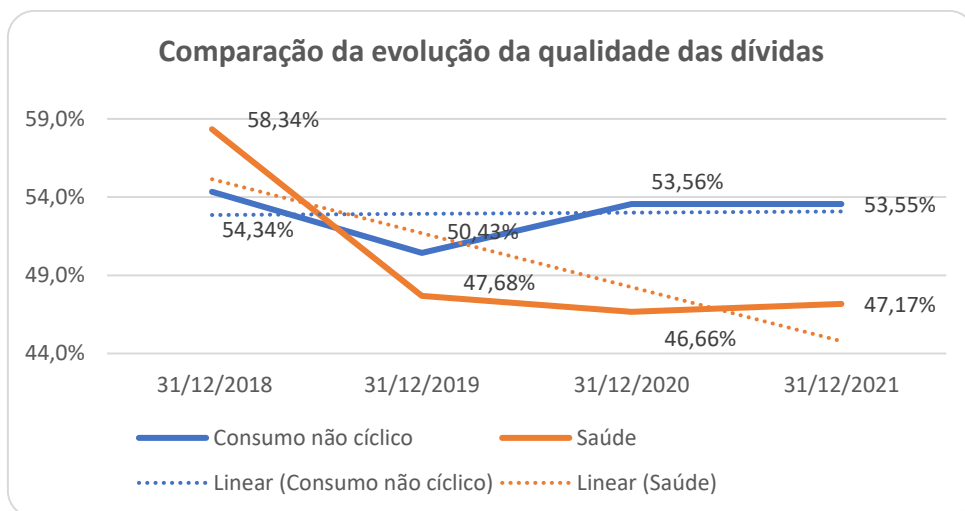
4.2.3 Composição do endividamento (CE)

A Composição do Endividamento ou indicador da Qualidade da Dívida revela a representatividade das dívidas de curto prazo no endividamento total.

Em geral, dívidas de curto prazo são mais onerosas para a empresa e, portanto, quanto menor a concentração de dívidas exigíveis no curto prazo, melhor a qualidade do endividamento.

O Gráfico 11, a seguir, demonstra as trajetórias do indicador da qualidade das dívidas dos dois setores em análise.

Gráfico 11 - Evolução da qualidade das dívidas



Fonte: Elaboração própria.

Verifica-se, pelo que demonstra o Gráfico 11 acima, que, no período imediatamente anterior à pandemia (de 2018 para 2019), ambos os setores apresentaram melhora significativa quanto à composição do endividamento, embora seja de relevância maior a queda de 10,66 pontos percentuais experimentada pelo setor de saúde, que saiu de 58,34% para 47,68%.

No período pandêmico, o setor de saúde continua apresentando indicadores melhores do que o de 31 de dezembro de 2019, enquanto os indicadores do setor de consumo não cíclico são piores.

Ao término de 2021, para cada R\$ 100,00 de dívidas das empresas do setor de consumo não cíclico, R\$ 53,55 eram exigíveis no curto prazo (eram apenas R\$ 50,43 em 31 de dezembro de 2019), ou seja, a qualidade das dívidas piorou com a pandemia. Já nas empresas do setor de saúde, a qualidade do endividamento melhorou: para cada R\$100,00 de dívidas existentes em 31 de dezembro de 2021, R\$47,17 eram obrigações de curto prazo (R\$47,68 em 31 de dezembro de 2019).

4.3 Análise da Rentabilidade

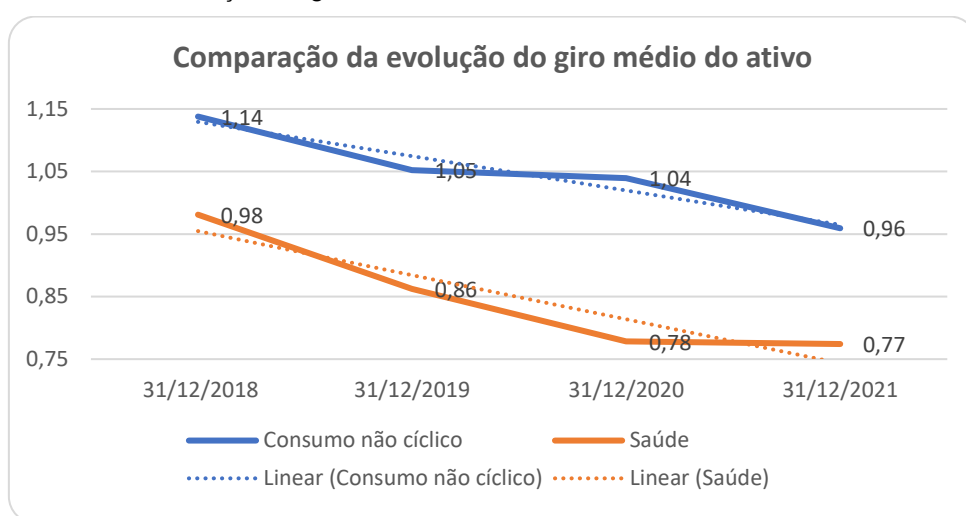
A análise dos índices médios de rentabilidade dos setores de saúde e de consumo não cíclico é apresentada nesta seção do trabalho monográfico. São os seguintes os indicadores reportados: Giro do Ativo, Margem Líquida, Retorno sobre o Ativo Médio e Retorno sobre o Patrimônio Líquido Médio.

4.3.1 Giro do ativo

O Giro do Ativo representa a quantidade de vezes que o ativo girou no período, indicando a velocidade com que o ativo total se movimenta, e, portanto, a produtividade alcançada na geração de receitas de vendas

O comportamento do giro do ativo ao longo do período selecionado para os dois setores da amostra está contemplado no Gráfico 12 abaixo.

Gráfico 12 - Evolução do giro médio do ativo



Fonte: Elaboração própria.

Observando-se os resultados mostrados no Gráfico supra, em 2018, percebe-se que, em ambos os setores, o indicador piora sucessivamente, ou seja, ao longo dos anos, os ativos impulsionados pelas vendas giraram mais lentamente. Convém lembrar que o Giro do Ativo Total é inevitavelmente menor quando o ativo (denominador da fórmula) cresce em proporção maior do que as vendas (numerador), como é o caso ocorrido com as empresas dos dois setores aqui analisados.

Os ativos totais e as receitas de vendas das empresas do setor de consumo não cíclico cresceram, respectivamente, 25,7% e 24,6%, de 2019 para 2020; e 58,1% e 56,3%, de 2019 para 2021. Portanto, tem-se a explicação para o fato de o giro do ativo do setor de consumo não cíclico ter diminuído ao longo do período pandêmico: os ativos totais do setor cresceram em velocidade superior à das vendas dos respectivos anos.

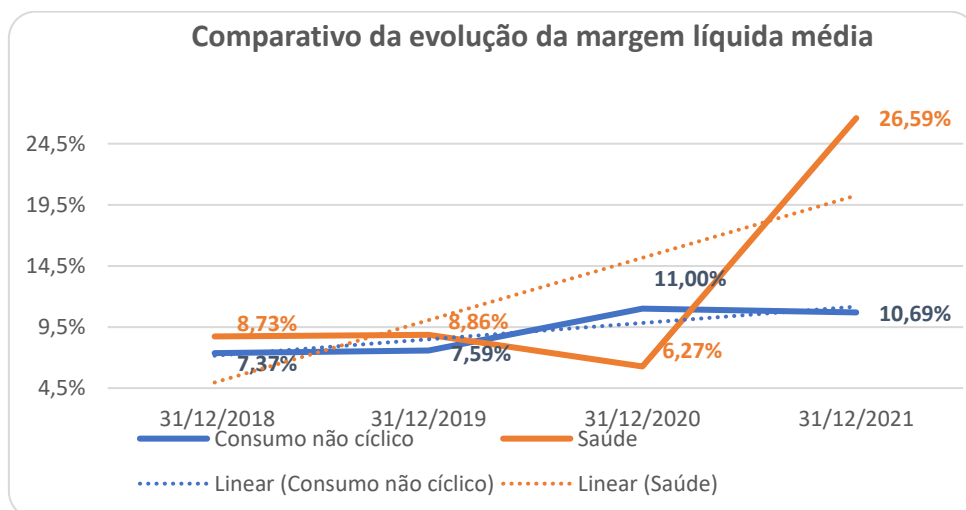
De 2019 para 2020, os ativos totais das empresas do setor de saúde cresceram 39,2%, enquanto o crescimento das vendas foi de apenas 17,2%. De 2019 para 2021, os crescimentos dos ativos e das vendas foram, respectivamente, 79,0% e 49,6%. Com a epidemia, a expansão dos ativos no setor de saúde é notável e evidente porquanto as empresas em destaque expandiram suas atividades, tiveram de construir ou adquirir hospitais ou alas especiais, além de agregarem novas tecnologias. Assim, embora as receitas de vendas nessas empresas tenham também crescido de forma extraordinária com a crise sanitária, não acompanharam a mesma velocidade de crescimento dos ativos totais, tendo como consequência declínio no giro dos ativos.

4.3.2 Margem líquida

O indicador de margem líquida revela a lucratividade obtida pela empresa em função do seu faturamento.

O Gráfico 13, abaixo, demonstra o comportamento da margem líquida dos setores de saúde e de consumo não cíclico da B3, ao longo do período selecionado.

Gráfico 13 - Evolução da margem líquida média



Fonte: Elaboração própria.

Ao se observar o comportamento dos indicadores mostrado pelo Gráfico 13 chama a atenção o fato de o setor de saúde, apesar da piora de 2,59 pontos percentuais na margem líquida de 2019 para 2020, obtém um crescimento

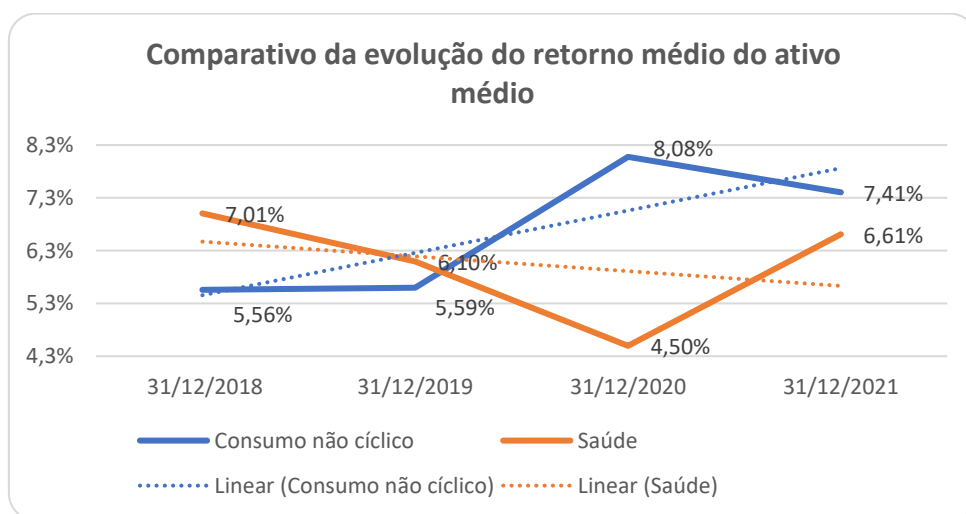
extraordinário de 2020 para 2021, passando a obter R\$ 26,59 de lucro líquido para cada R\$ 100,00 de vendas líquidas registradas.

Por sua vez, as empresas vinculadas ao setor de consumo não cíclico, que em média já experimentavam crescimento de 0,22 ponto percentual, de 2018 para 2019, com a pandemia da Covid-19, passaram a usufruir de sucessivos acréscimos no indicador de margem líquida: 3,41 pontos percentuais, de 2019 para 2020; e 3,10 pontos percentuais, de 2019 para 2021.

4.3.3 Retorno sobre o ativo médio

A rentabilidade obtida pelos investimentos realizados no ativo das empresas é revelada pelo índice de retorno do ativo médio, o qual, na presente pesquisa, é demonstrado no Gráfico 14 a seguir.

Gráfico 14 - Evolução do retorno médio do ativo médio



Fonte: Elaboração própria.

O Gráfico 14, acima, mostra que os setores em análise têm trajetórias contrárias no período estudado, em se tratando do retorno sobre o ativo médio.

A explicação para o comportamento se deve ao fato de o resultado das empresas do setor de saúde (soma dos lucros/prejuízos) ter tido uma queda de 25,7%, de 2019 para 2020, enquanto o setor de consumo não cíclico ter experimentado crescimento de 24,8% na soma dos resultados de suas empresas no primeiro ano pandêmico em relação a 2019.

No segundo ano da pandemia, em 2021, os resultados (soma dos lucros/prejuízos), comparados aos de 2019, cresceram em ambos os setores, sendo que os das empresas do setor de consumo não cíclico cresceram expressivamente mais: 102,1%, contra 15,5% dos das empresas do setor de saúde.

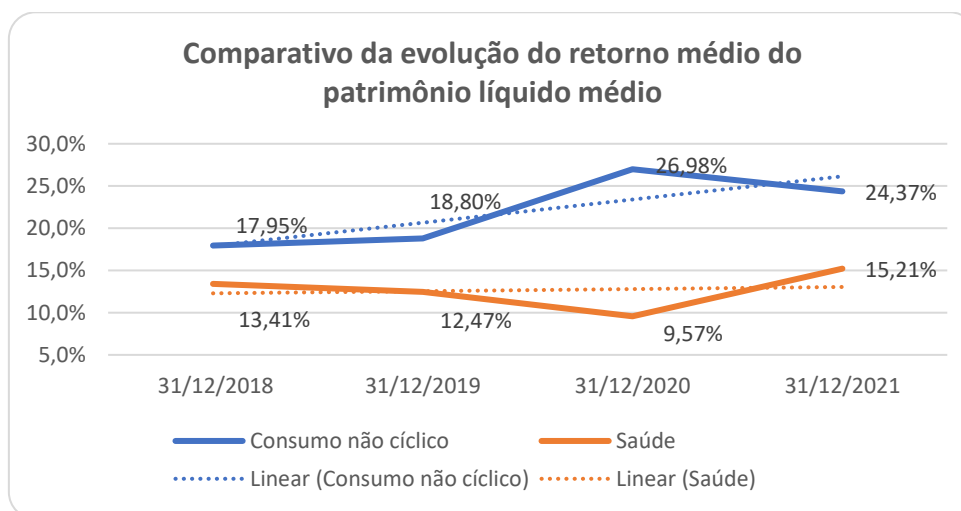
Dessa forma, considerando os crescimentos experimentados também pelos ativos das empresas, já reportados nesta monografia, quando da análise do indicador Giro do Ativo, os retornos dos investimentos, em 2021, foram maiores dos que aqueles do ano imediatamente anterior à deflagração da pandemia, em ambos os setores pesquisados. Em 2021, para cada R\$ 100,00 aplicados no ativo das empresas do setor de saúde, R\$ 6,61 retornavam sob a forma de lucro líquido (eram R\$ 6,10 que retornavam em 2019). No setor de consumo não cíclico, por sua vez, para cada R\$ 100,00 aplicados em 2021 no ativo das empresas, R\$ 7,41 retornavam sob a forma de lucro líquido (eram R\$ 5,59 que retornavam em 2019).

4.3.4 Retorno sobre o patrimônio líquido médio

Esse indicador mostra o retorno em forma de lucro líquido do capital próprio investido na organização. Informa aos acionistas/proprietários quão interessante é o retorno comparado com outras aplicações do capital.

No gráfico 15, é possível observar o resultado da média do ROE antes e durante a pandemia.

Gráfico 15 - Evolução do retorno médio do patrimônio líquido médio



Fonte: Elaboração própria.

Assim, como no caso do indicador Retorno sobre o ativo médio, cuja análise foi mostrada na subseção anterior, as trajetórias evolutivas do Retorno do patrimônio líquido médio das empresas dos dois setores focados para estudo nesta monografia percorrem caminhos contrários e a explicação se deve também, principalmente, à queda observada (25,7%), de 2019 para 2020, nos resultados (soma dos lucros/prejuízos) das empresas do setor de saúde, embora os resultados das empresas do setor de consumo não cíclico tenham experimentado, no mesmo período, crescimento de 24,8% na soma dos seus resultados.

A queda do retorno sobre o patrimônio líquido médio do setor de saúde, em 2020, e a recuperação desse indicador, em 2021, tornam-se compreensíveis ao se considerar que os patrimônios líquidos das empresas desse setor (denominador da fórmula de cálculo do indicador) cresceram 32,2%, de 2019 para 2020, e 27,6%, de 2020 para 2021, enquanto os resultados anuais (numerador da fórmula) sofreram decréscimo de 25,7%, de 2019 para 2020, e de 55,5%, de 2020 para 2021.

Percebe-se, ao término do período em análise, que embora as trajetórias do indicador tenham sido contrárias, ambos os setores ofereciam aos acionistas/proprietários remunerações de capital superiores aos observados no último ano anterior à pandemia. Em 2021, para cada R\$ 100,00 investidos pelos proprietários das empresas do setor de saúde, em média, R\$ 15,21 retornavam sob a forma de lucro líquido (eram, em média, R\$ 12,47 que retornavam, antes da crise sanitária em 2019). Por sua vez, no setor de consumo não cíclico, para cada R\$ 100,00 investidos pelos proprietários das empresas, em média, houve retorno, de R\$ 23,37 na forma de lucro líquido (eram R\$ 18,80 que, em média, retornavam, antes da pandemia em 2019).

Depois de serem comparadas as trajetórias comportamentais de cada indicador econômico-financeiro dos setores em pesquisa, no período de 2018 a 2021, chega-se finalmente à análise comparativa do resultado da aplicação de testes estatísticos para revelar se existem diferenças significativas entre os dois setores, conforme se demonstra na seção seguinte.

4.4 Análise das diferenças entre as variáveis da pesquisa

Para analisar a ocorrência de diferenças estatisticamente significativas entre as variáveis do setor de saúde e do setor de consumo não cíclico, aplicou-se o teste de diferença de médias para amostras independentes de Mann-Whitney, conforme mostra a tabela 6. Através dos testes de Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk, certificou-se que todas as variáveis não apresentaram distribuição normal, pois o *p*-valor dos testes foi inferior a 0,05, assim justificando a utilização do teste não paramétrico.

Tabela 6 Teste de Mann-Whitney

Indicadores Econômico-financeiros	Sector das empresas na B3	Quantidade de entidades	Quantidade de observações	Mann-Whitney	Z	p
GA	Saúde	24	84	4108	0.16149	0.025
	CNC	33	120			
ML	Saúde	24	84	5018	5.70e-4	0.959
	CNC	33	120			
ROA	Saúde	24	84	4746	0.00516	0.479
	CNC	33	120			
ROE	Saúde	24	84	4150	0.03847	0.032
	CNC	33	120			
PCT	Saúde	24	84	3448	0.11432	<.001
	CNC	33	120			
GE	Saúde	24	84	4288	0.35825	0.070
	CNC	33	120			
CE	Saúde	24	84	4694	0.02341	0.405
	CNC	33	120			
LG	Saúde	24	84	4625	-0.05524	0.318
	CNC	33	120			
LC	Saúde	24	84	3955	-0.25089	0.009
	CNC	33	120			
LS	Saúde	24	84	4137	-0.18453	0.030
	CNC	33	120			
LI	Saúde	24	84	4150	0.07532	0.032
	CNC	33	120			

Nota: (*) significante a 1%.

Fonte: Elaborada pela autora

Para a tabela 6, tem-se que:

Z – *MeanDifference*

p – *p-value(AsympSig.)* - (2-tailed)

Statistic – Mann-Whitey

GA–Giro do Ativo

ML –Margem Líquida

ROA - Retorno sobre o Ativo Total

ROE – Retorno sobre o Patrimônio Líquido

PCT – Participação de Capital de Terceiros

GE – Grau de Endividamento

CE – Composição do Endividamento

LG – Liquidez Geral

LC – Liquidez Corrente

LS – Liquidez Seca

LI – Liquidez Imediata

Saúde – Setor de Saúde da B3

CNC – Setor de Consumo Não Cíclico da B3

Com base nos resultados apresentados na tabela 6, pode-se constatar que, dentre os indicadores econômico-financeiros testados, apenas o indicador Participação dos Recursos de Terceiros nos Recursos Totais (PCT) apresentou diferença significativa na comparação entre os setores de saúde e de consumo não cíclico.

O endividamento ou PCT do setor de consumo não cíclico mostra-se sempre superior ao apresentado no setor de saúde durante o período pesquisado. O setor de saúde aumentou consideravelmente o seu endividamento durante a pandemia e passou a ser declinante no período pós-pandêmico. O setor de consumo não cíclico, por sua vez, apresentou estabilidade no endividamento a partir da pandemia.

5 CONCLUSÃO

Este trabalho monográfico tem como objetivo geral analisar se há diferença estatística significativa no impacto da pandemia da Covid-19 no desempenho das empresas listadas na B3 nos setores de saúde e de consumo não cíclico. Para atingir esse objetivo, desenvolveu-se uma pesquisa descritiva e quantitativa. Atendendo ao primeiro objetivo específico desta pesquisa, foram comparados os resultados obtidos a partir do cálculo e interpretação dos indicadores sobre os quais foram realizados teste de diferença de média de Mann-Whitney.

Quanto ao segundo objetivo específico, os resultados relacionados aos índices de liquidez demonstraram que as empresas do setor de consumo não cíclico não apresentaram variações significativas enquanto o setor de saúde demonstra um crescimento (LC e LS) nos anos de 2020 e 2021. Em relação aos resultados dos índices de endividamento, ambos os setores apresentam trajetórias relativamente semelhantes, embora os resultados do teste de diferença de média de Mann-Whitney indiquem variação significativa no indicador da Participação de Capitais de Terceiros nos Recursos Totais (PCT).

Sobre os índices de rentabilidade, percebe-se que as empresas do setor de consumo não cíclico e de saúde apresentaram declínio no giro dos ativos. Por sua vez, no que diz respeito à Margem Líquida dos setores, chama a atenção o crescimento extraordinário apresentado pelo setor da saúde no ano de 2021. O ROA e o ROE apresentaram, para ambos os setores, trajetórias contrárias.

Por último, sobre o terceiro objetivo específico, tem-se que apenas o indicador PCT apresentou diferença significativa na comparação entre os setores de consumo não cíclico e o setor de saúde.

Por fim, como pesquisas futuras, sugere-se que sejam analisados os setores considerando os resultados de 2022, visto que a pandemia da Covid-19 não terminou e que, apesar da melhora nos números de casos e óbitos, ainda há muito a se recuperar no cenário econômico.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marcelo C. **Análise das Demonstrações Contábeis em IFRS e CPC**. São Paulo: Grupo GEN, 2019. 9788597020779.

ASSAF NETO, Alexandre. **Estruturas e Análise de Balanços - Um Enfoque Econômico-financeiro**. São Paulo: Grupo GEN, 2020. 9788597024852.

B3 - Brasil, Bolsa, Balcão. **Critério de classificação**. Disponível em: <https://www.b3.com.br/pt_br/produtos-e-servicos/negociacao/renda-variavel/acoes/consultas/criterio-de-classificacao/>. Acesso em: 8 abr.2022.

BRAGA, Hugo Rocha. **Demonstrações Contábeis: Estrutura, Análise e Interpretação**. 7. Ed. – São Paulo: Atlas, 2003. Acesso em: 14 abr. 2022.

BITTENCOURT, Viviane de S.; TOBLER, Rodolpho, JUNIOR, Aloisio C. **Impacto da pandemia em empresas e consumidores – Parte 2**. Disponível em: <<https://blogdoibre.fgv.br/posts/impacto-da-pandemia-em-empresas-e-consumidores-parte-2#:~:text=Isso%20ocorre%20porque%20num%20primeiro,econ%C3%B4mica%20e%20redu%C3%A7%C3%A3o%20do%20consumo>>. Acesso em: 9 abr. 2022

CARDOSO, Rafaela Correia; TRISTÃO, Pâmela Amado. **O impacto da Pandemia da COVID-19 nos Indicadores Econômico-Financeiros e Retorno das Ações no setor de hotelaria: estudo de caso na Rede de Hotéis Othon S.A.** Disponível em: <<https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php/buscaador-primo.html>>. Acesso em: 9 abr.2022.

CEDES - CENTRO DE ESTUDOS E DEBATES ESTRATÉGICOS DA CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Economistas defendem participação do Estado na retomada econômica pós-pandemia**. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/795190-economistas-defendem-participacao-do-estado-na-retomada-economica-pos-pandemia/>>. Acesso em: 9 abr.2022.

CFC - CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE. **NBC TG 26 (R5) – Apresentação das demonstrações contábeis**. Disponível em: <[https://www1.cfc.org.br/sisweb/SRE/docs/NBCTG26\(R5\).pdf](https://www1.cfc.org.br/sisweb/SRE/docs/NBCTG26(R5).pdf)>. Acesso em: 11 abr.2022.

COSTA, Laura Brandão; PEREIRA, Iasmim Fonseca; LIMA, Janaina Aparecida. Reflexos da pandemia da Covid-19 nos indicadores econômico-financeiros de empresas do setor de produtos de higiene e limpeza listadas na B3. Disponível em: <<https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php/buscaador-primo.html>>. Acesso em: 9 abr.2022.

DA SILVA, Alexandre Alcântara. **Estrutura, Análise e Interpretação das Demonstrações Contábeis**. São Paulo: Grupo GEN, 2017. 9788597012897.

DIEL, Jonas; DUARTE (2021). **Análise do impacto no desempenho econômico e financeiro de empresas do varejo listadas na B3 durante a pandemia da Covid 19 no ano de 2020**. Disponível em <<http://repositorio.upf.br/handle/riupf/2234>>. Acesso em 15 abr. 2022

FÁVERO, Luiz P. **Estatística - Aplicada a Administração, Contabilidade e Economia com Excel e SPSS**. São Paulo: Grupo GEN, 2015. 9788595155596.

FIOCRUZ CAMPUS VIRTUAL – Fundação Oswaldo Cruz. **Transmissão, Sintomas, Diagnóstico e Prevenção**. Disponível em: <<https://mooc.campusvirtual.fiocruz.br/rea/coronavirus/modulo1/aula2.html>> Acesso em: 9 abr. 2022.

FREITAS, Fernanda Myra Ramos. **Efeitos da pandemia da Covid-19 nos indicadores econômico-financeiros das empresas brasileiras**. 2021. 51f. Trabalho de Conclusão do Curso (Bacharelado em Ciências Contábeis) – Centro Universitário Christus, Fortaleza, 2021.

GIL, Antonio C. **Como Fazer Pesquisa Qualitativa**. São Paulo: Grupo GEN, 2021. 9786559770496.

GOMES, Helen Maria da Silva *et al.* **COVID-19 e o impacto econômico do lockdown: uma revisão sistemática**. v. 21, 2021. Disponível em: <<https://congressosp.fipecafi.org/anais/21UsplInternational/ArtigosDownload/3423.pdf>>. Acesso em: 6 abr. 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Indicadores IBGE: contas nacionais trimestrais**. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=72121>>. Acesso em: 9 abr.2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **PNAD Contínua – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?=&t=series-historicas&utm_source=landing&utm_medium=explica&utm_campaign=desemprego>. Acesso em 16 abr. 2022.

IUDÍCIBUS, Sérgio D. **Análise de Balanços**. 11. ed. São Paulo: Grupo GEN, 2017. 9788597010879.

LAKATOS, Eva M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Grupo GEN, 2021. 9788597026580.

MACHADO, Nathália Ferreira. **Impactos da Covid-19 Evidenciados nas Demonstrações Financeiras das Maiores Companhias Varejistas Brasileiras**. 2020. 16f. Trabalho de Conclusão do Curso (Graduação em Ciências Contábeis) – Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, 2020.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva M. **Metodologia Científica**. São Paulo: Grupo GEN, 2022. 9786559770670.

MARION, José C. **Análise das Demonstrações Contábeis**. São Paulo: Grupo GEN, 2019. 9788597021264.

MARTINS, Eliseu. **Análise Avançada das Demonstrações Contábeis - Uma Abordagem Crítica**. São Paulo: Grupo GEN, 2020. 9788597025941.

MATARAZZO, Dante C. **Análise Financeira de Balanços: Abordagem Gerencial**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MATIAS, Alberto B. **Análise financeira de empresas**. São Paulo: Editora Manole, 2017. 9786555762143.

OPAS - ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Folha informativa sobre COVID-19 - Histórico da pandemia da COVID-19**. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19#:~:text=Em%2031%20de%20dezembro%20de,identificada%20antes%20em%20seres%20humanos>>. Acesso em: 9 abr. 2022.

OPAS - ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **OMS Declara Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional por Surto de Novo Coronavírus**. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/news/30-1-2020-who-declares-public-health-emergency-novel-coronavirus>>. Acesso em: 9 abr. 2022.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SENIOR BLOG. **2020: como a pandemia acelerou a transformação digital**. Disponível em: <<https://www.senior.com.br/blog/covid-19-como-a-pandemia-acelerou-a-transformacao-digital>>. Acesso em: 25 mar. 2022.

SES/SC - SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE DE SANTA CATARINA. **O Novo Coronavírus - Histórico da Doença**. Disponível em: <<https://www.saude.sc.gov.br/coronavirus/doenca.html>>. Acesso em: 9 abr. 2022.

SILVA, Priscila Helena Souza da. **Impacto da pandemia da COVID-19 na continuidade operacional das companhias listadas na B3**. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/30053>>. Acesso em 15 abr. 2022.

TAURION, Cezar. **Como será o novo mundo depois que o coronavírus passar?** Disponível em: <<https://neofeed.com.br/blog/home/como-sera-o-novo-mundo-depois-que-o-coronavirus-passar/>>. Acesso em 9 abr. 2022.